

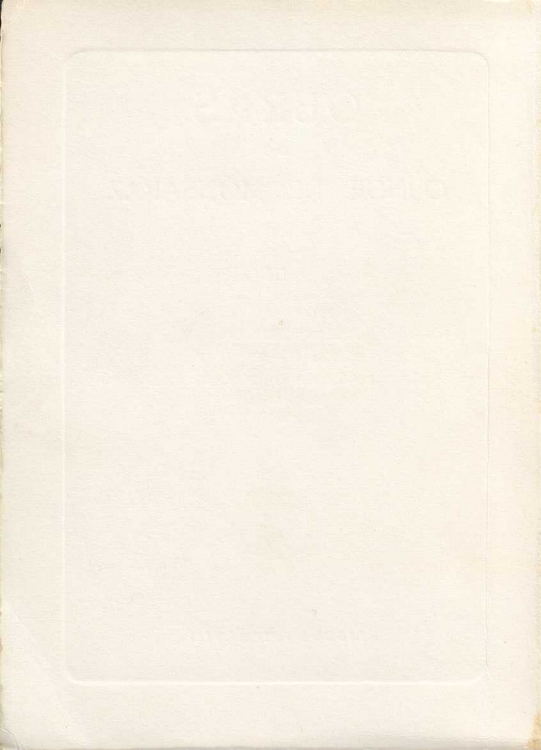
OBRAS
DO
CONDE DE MONSARAZ

III

MUSA ALENTEJANA
LIRA DE OUTONO
VERSOS DISPERSOS
(SÉCULO XX)



LISBOA • MCMLVIII



THE

THE



OBRAS
DO
CONDE DE MONSARAZ

OBRA
DE
CONDE DE MONSARAZ

EDIÇÃO DEFINITIVA SOB O PATROCÍNIO
DO INSTITUTO DE ALTA CULTURA

B
50.780

OBRAS

DO

CONDE DE MONSARAZ

III

MUSA ALENTEJANA
LIRA DE OUTONO
VERSOS DISPERSOS
(SÉCULO XX)



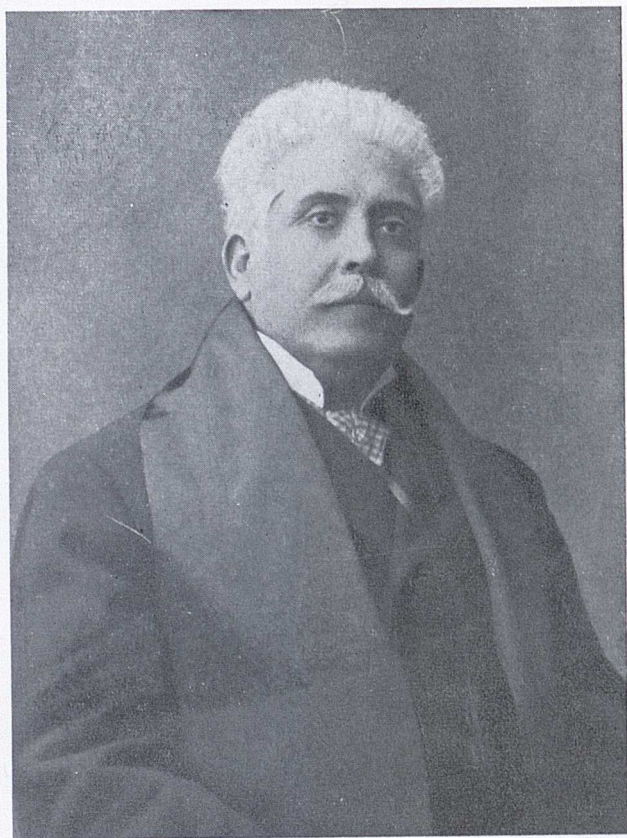
DEP. LEGAT



22. DEZ. 1958

LISBOA • MCMLVIII





O CONDE DE MONSARAZ
Comendador de S. Tiago da Espada
Grã-cruz de Afonso XII
Em 1908
Quando apareceu a «Musa Alentejana»

MUSA ALENTEJANA



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS
50 EAST LAKE STREET
CHICAGO, ILL. 60607
U.S.A. AND CANADA
OTHER COUNTRIES: SEE LIST OF AGENTS

A SESTA

Nogueiras, altas nogueiras
Da quinta das Vidigueiras,
Dai-me sombras, dai-me paz!
Que o vigor, a beatitude,
A alegria e a saúde
De quando eu era rapaz
O sangue e os nervos me invade.
Milagres da fantasia!
Tenho quinze anos de idade,
Alma cheia de poesia
E corpo de mocidade.

Deitado, às horas da sesta,
Sob um dossel protector,
Tecido de oiro e esmeralda,
Do sol que o rosto me cresta
E em roda os campos escalda,
Sinto o fecundo calor
A abrir, no meu peito em festa,
Sebes de sonhos em flor.

Sobre esta relva macia
Como as penas dum colchão,
Voa, voa, fantasia,
Sonha, sonha, coração,
Como dantes sucedia
Em tempos que já lá vão!

Além, por sob os montados,
À sombra das azinheiras,
Dormem pastores e gados...
Mentrasto, que bem que cheiras!
Ai, nora, que bem que cantas!
E nas moitas de roseiras,
Por essa várzea deserta,
Tantas rosas, tantas, tantas,
A rirem de boca aberta!

Que troça! ai rosas, talvez
Eu adivinhe o motivo
Por que se riem vocês
Nessa alegria tão franca...
Ai adivinho, adivinho:
É por verem que inda vivo
E que já estou tão velhinho,
Com a cabeça tão branca!

Pois façam troça à vontade
De eu ser diverso do que era,

Roseiras da minha idade!
Que a seiva da Primavera,
Sangue rubro aos borbotões,
Ficai sabendo, vaidosas,
Se à vossa vida dá rosas,
À minha dá ilusões.

Tenho andado tão contente
E sinto-me tão feliz,
Que é uma pena que a gente
Não diga tudo o que sente,
Nem sinta tudo o que diz,
Quando confia segredos
Às musas do seu país,
Que andam dispersas no espaço,
Ocultas nos arvoredos,
Para saber o que eu faço,
Para contar o que eu fiz.

Os meus primeiros amores
Que a minha memória encerra,
Mortos por entre saudades,
Vi-os nascer nesta terra
Espontâneos como as flores
Aí por essas herdades...
Cada tronco mos recorda;
Se escuto, muito à distância,
Na lira da minha infância

Geme um ai, chora uma corda,
Soluça um vago suspiro,
Passa e morre o som dum beijo,
Num sonho a que não aspiro,
Num gozo que não desejo...

Folha seca, folha morta;
Secou, morreu, que me importa!
Repousa no meu passado,
Ungida do meu affecto,
Folha mirrada dum feto
Dentro dum livro fechado.

Nogueiras, altas nogueiras
Da quinta das Vidigueiras,
Vós que em criança me vistes
Dormir num doce abandono,
Agitai as altas franças,
Espancai os sonhos tristes
E protegeí o meu sono;
Quero dormir neste dia
Como dormem as crianças
E como eu dantes dormia!

AS MONDADEIRAS

Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as várzeas de cantorias.
Erva daninha, que bem que cheiras!
Nasces e afrontas as sementeiras
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rego em rego, sempre a cantar;
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito às ondas
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas
— Ó mocidade, tu nunca mentes! —
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres, mondando as searas,
Que rico assunto para pintores!
Lembram vistosos bandos de araras:

Saias, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos, lenços de cores.

Desde o sol fora que andam naquela
Faina constante pelos trigais;
Ó mondadeiras, tende cautela,
Que o parasita que se debela,
Se escapa, cresce cada vez mais!

É necessário que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia,
E, quando caia na mó da azenha,
Não seja o caso que às vezes tenha
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de Primavera,
Fecundos dias para a lavoiria!
A natureza se retempera
Na farta seiva que as plantas gera,
No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,
Em torno ao freixo que as inebria:
Nos tendais leves, rectangulares,
Nédios carneiros, aos centenares,
São desnudados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando,
Porque o trabalho não as enerva,
Põem-se a prumo de quando em quando,
Erguendo os braços e carregando,
Sobre as cabeças, molhadas de erva.

A tarde morre tranquilamente:
Na freguesia soam trindades;
Penetra as coisas e invade a gente
Como uma bênção de paz clemente,
Que vai caindo sobre as herdades...

É já sol-posto. Ao longe as noras
Gemem na rega dos laranjais.
Ó água clara, penso que choras
E te lamentas, horas e horas,
Porque alto sobes e de alto caís!

E as mondadeiras voltam das mondas,
Sachola ao ombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito às ondas
Que não se quebram como as do mar!

A VELHA CANÇÃO

Ao acender das luzes, era certo,
Chegavam os parceiros:
O delegado, um homem muito esperto,
O Lucas dos Balseiros,
Um grande caçador,
E atrás, mancando, um ingênuo — o prior.

Depois dos cumprimentos
Meu pai mandava preparar a mesa:
Dois baralhos, os tentos,
Pequenas placas de marfim lavrado,
Dum lado a velha serpentina acesa
E o cinzeiro de loiça do outro lado.

Jogava-se a partida
Num canto silencioso do salão;
Defronte, na poltrona apetecida,
Branca, sequinha, a frente descaída,
Dormia minha avó junto ao fogão.

Ao lado, em torno à mesa do serão
Que um grande candeeiro
Sob o espesso *abat-jour* iluminava,
É que a família toda se agrupava
Naquelas longas noites de Janeiro.

Lá fora, o temporal
Vergava com rudeza
As velhas oliveiras do quintal:
Noite de lobos, negra, — que tristeza
Para os que sentem frio e não têm lar!
Que desgraçada sorte
A dos que andam sem norte
Sobre as águas do mar!

Às vezes minha mãe,
Que tinha uma voz doce de soprano,
Sentava-se ao piano
E cantava tão bem,
Que eu punha-me a pensar que na voz dela
Se ouvia a toutinegra e a filomela.

Havia uma canção que eu muito amava
E que ela preferia,
Um episódio triste em que gemia
A paixão duma escrava
Pelo dono cruel que a maltratava...

Minha mãe estava em plena mocidade:
Trinta anos incompletos,
Forte, alegre, morena,
Olhos grandes, leais, sempre repletos
Dessa rara bondade
Que os temporais serena, —
E o encanto natural que manifesta
Toda a mulher inteligente e honesta.

Era a força, a alegria,
A alma, o sol que a nossa casa enchia:
Por isso, quando às vezes se ausentava,
Era como uma luz que se apagava,
Que, sem ela voltar, não se acendia.

Quase ao sair da infância,
Abrindo as tenras asas emplumadas,
Tentando o voo para deixar o ninho,
Eu já via a distância
As minhas ilusões esfarrapadas,
Ligeiros véus, nas urzes do caminho.

Começava a cismar,
Criança, e a compreender
Que a vida humana é um convulso mar
Em que a alegria, um frágil escaler,
Costuma naufragar.

Portanto, se escutava
A xácara da escrava,
Olhos fitos no chão ficava absorto
A imaginar o horror, o desconforto
Dessa negra infeliz,
Triste e sequiosa flor à minguia de água,
Que morria de mágoa
Longe do seu país.

Há que tempo isto foi! Os anos passam
E a gente muda tanto!
Nos turbilhões desta contínua lida
Fica-nos muitas vezes esquecida
Qualquer bela impressão da nossa vida,
Como uma flor que nos caísse a um canto!

Mais tarde essa impressão
Acorda novamente
E ao ver a flor inda com viço, então,
Num sonho vago sofre, goza e sente
O antigo aroma a encher-lhe o coração.

.....
.....

Numa noite de Inverno,
Alegre e distraído
Numa rua qualquer,

Ouvi uma voz triste de mulher
Que ao piano cantava
No seu soprano doce e comovido
A xácara da escrava.

Parei, pus-me a escutar,
Olhei em roda, não me visse alguém
A tremer e a chorar!
É que era a mesma voz de minha mãe,
O mesmo timbre amargurado e terno,
E os meus olhos pregaram-se a distância
Na tela matinal da minha infância,
Nos meus serões de Inverno:
Lá fora a chuva, aos ais o vendaval
Nas velhas oliveiras do quintal;
Mas dentro, no salão,
Essa casta e tranquila beatitude,
Em que brota a virtude
E floresce a ilusão...

E ao escutar a mórbida canção
Nessa rua afastada da cidade,
Que tristeza, meu Deus, e que saudade!

UM PÔR DO SOL

Quando entro no teu *boudoir*,
Clarinha, meu doce amor,
Parece-me antes entrar
No cálix de alguma flor;
Que é tal o aroma e tão pura
A frescura que aqui sinto
E tão bem me sinto aqui,
Que, Deus sabe se te minto,
Sonho que estou embalado
Entre as folhas duma rosa,
Na qual houvesse pousado,
Gazil como uma folosa,
Leve como um colibri!

Deixa-me abrir a janela:
A tarde é tranqüila e mansa
Como um olhar de criança
Ou como um lago escocês;

Ouve-se o choro das bibes
Entre as moitas orvalhadas,
Carpindo as horas magoadas
Da sua triste viuvez.

Cantam ao longe as ceifeiras;
Passam, cansados, os bois
Cabisbaixos, dois a dois,
Caminhando lentamente
Na sombra das azinheiras...
O sol expira num poente
De oiro e púrpura; os rochedos,
As choças, os arvoredos,
A igreja, o cruzeiro, a torre,
Toda a paisagem parece
Uma alma que se entristece
Ao ver um astro que morre!

Correm as águas do enxurro;
Lá vai passando a ribeira
Uma pequena trigueira,
Cantando, em cima dum burro;
E, mais distante, não ouves
A lamúria, a chiadeira,
Da nora regando as couves
Clarinha, como isto é puro!
Como isto é consolador!
Já vês porque eu te asseguro

Que, vindo aqui, só procuro
Dissipar esta tristeza
Em face da Natureza...
E aquecer os meus Invernos
Nalguma réstia de amor —
Ou dos teus olhos tão ternos,
Ou dos teus lábios em flor.

Vê tu que belo horizonte
Recortado de pinhais!
Que concerto e que harmonia
Em linhas tão desiguais!
Dum lado a igreja; defronte
Uma cruz de cantaria;
Do outro a crista dum monte;
Ao fundo, acesa, a fornalha
Do sol, em cujo clarão
Destacam medas de palha
Onde, imóveis e tristonhas,
Vão meditar as cegonhas
Nas cousas da Criação!

É disto que eu necessito!
O coração cobra alentos!
Sobem no espaço infinito
Revoadas de pensamentos;
E em cada sopro que passa,
E em cada nota que vibra,

Toda a minha alma se libra
Cheia de encanto e de graça!

Por isso no teu *boudoir*,
Clarinha, meu doce amor,
Quando aqui estou julgo estar
No cálix de alguma flor!

Que é tal o aroma e tão pura
A frescura que aqui sinto,
E tão bem me sinto aqui,
Que, Deus sabe se te minto,
Sonho que estou embalado
Entre as folhas duma rosa,
Na qual houvesse pousado,
Gazil como uma folosa,
Leve como um colibri!

A CRUZ DE TROVISCO

I

A ti'Ana do Ouchão, que é mulher de virtude,
Foi a casa da Rosa e disse-lhe:

«— Não pude,

Filha, ter mão em mim e aqui estou. Toma tento
No que te vou dizer. Queres que o teu tormento

Acabe duma vez? Queres curá-lo? Queres
Ser inda a mais feliz de todas as mulheres?

Ver o teu noivo são, desempenado e nédio?»
«— Ai ti'Ana! ti'Ana! o mal não tem remédio.

Já não se ergue da cama, a febre não o deixa;
Disse-me há pouco a mãe que ele já nem se queixa...

Para ali está calado, a arder, Jesus!» E Rosa
Desatou a chorar, numa ânsia angustiosa

Que apertava, de a ouvir, o coração à gente.
«— Mas ouve, rapariga, ele está muito doente,

Bem sei, que novidade! Olha a quem tu o dizes...
Mas não te alembra já do Bento das Perdizes

Que esteve vai não vai antes do S. Francisco?
E o que foi que o curou? Uma cruz de trovisco,

Ora aí está! E andou que até fazia horror,
Com médicos, botica e cada vez a pior.»

«— Uma cruz de trovisco?!»

«— Olhem que admiração!
Salvou-o a namorada ali, do pé prà mão,

Que tem ânimo em barda e é mulher de segredo.
Quando ela viu que o mal do Bento era bruxedo

E o diabo a rechupar e a atanzar o homem
Que, aí filha! Por um triz que as bruxas o não comem,

Chegou-se ao pé de mim e disse-me: — Ti'Ana,
Sei que é temente a Deus, que é boa e não se engana,

Acuda-me, senão as bruxas dão-me cabo
Do meu Bento, que morre e entrega a alminha ao diabo.

E então foi dito e feito. Ensinei-lhe o que havia
De fazer nessa noite, e o Bento ao outro dia

Entrou a tomar cor, a encher a tripa e pronto:
Lá vão casar-se os dois. É isto que te conto.»

«— Mas o que hei-de eu fazer, ti'Ana?»

«— Eu já to ensino.

Mas olha, para tu salvares o Antonino

Tens de ouvir e calar, senão não lhe aproveitas
E até lhe podem vir mais fortes as maleitas.

Nem teu pai, nem tua mãe, ninguém há-de saber
O que eu te vou dizer e o que tu vais fazer.

Juras?»

«— Juro, ti'Ana. Ande depressa, diga,
Que Deus pode-o levar.»

«— Ouve lá, rapariga:

Esta noite, depois de tudo estar deitado,
Tu ergues-te da cama e vais, toma cuidado

Não te oiça alguém sair, pela charneca fora
Té ao monte do Gato, — a herdade aonde mora

A Chica do Canhoto. Há lá trovisco a esmo
Debaixo do montado, ou então podes mesmo

Topá-lo ao pé da horta e escusas de andar tanto,
Não vás ter medo à noite e dar-te algum quebranto,

Que andam bruxas no ermo, és fraca, não és foita
E se arreias, adeus! — Arrancas duma moita

Dois ramos de trovisco e benze-los três vezes
Com devoção; depois é preciso que rezes

Por três vezes também o Padre-Nosso, ouviste?
E fazes uma cruz, que o diabo não resiste

Se a fizeres bem feita. Então metes-te à estrada:
Irás por ela adiante até à encruzilhada

Do Freixo, e ao chegar lá, com toda a devoção
Páras, beijas a cruz e deita-la no chão;

Porque de manhãzinha os carros da lavoira
Passam, pisam-na, o diabo ouve-se um berro e estoira,

E o Antonino, hás-de ver como ele entra em melhoras!»

«— Ai, ti'Ana, eu não posso!»

«— Ah tu não podes? Choras?»

«— Tenho medo, ti'Ana. Eu nunca andei sòzinha
De noite. Minha mãe pode acordar e tinha

Um susto de morrer, se ao erguer-se da cama
Não me visse, Jesus!...»

«— Muito pode quem ama,

Filha, oiço dizer: mas tu não podes nada...»

«— Se ele morre, ti'Ana, eu fico desgraçada!»

«— Tens-lhe a vida na mão.»

«— Mas ir por essas brenhas...»

«— Bem, fica-te com Deus; não queres, lá te avenhas!»

II

Rosa chorou, chorou e ouviu, entre o arvoredor,
O vento a murmurar: «— Se vais, morres de medo.»

E num remorso atroz, numa grande aflição,
A consciência a gritar: «— Tens-lhe a vida na mão.»

Salvá-lo, arrebatá-lo às mãos das bruxas, vê-lo
Com saúde, e ela, enfim, livre do pesadelo

Que a traz acabrunhada... Em Maio, irem os dois,
Quando se ouve cantar no campo os rouxinóis,

Levar braçadas de hera, ervilhas, rosas, goivos
E hortelã da ribeira, os dois, como dois noivos,

À Senhora do Carmo e pedir-lhe de joelhos
Que os case e os deixe andar até morrer de velhos;

Ouvi-lo, que prazer! quando estiver contente
E a vida lhe sorrir, dizer a toda a gente:

«— Estive por um triz e ela salvou-me a vida...»
E quando à espera dele, a moirejar na lida

Da casa, o vir voltar alegre do trabalho,
Trocando a estrada, o bom caminho, pelo atalho

Para vê-la de longe e chegar mais depressa...
Tudo isso se lhe agita em fogo na cabeça,

Lhe amplia o coração em estos de ventura,
E embora o vento sopra e a noite esteja escura,

Sem que a força lhe falte ou que o susto a retenha,
Embrulha-se a tremer na saia de estamenha

E muito devagar abre a porta da rua
E vai para sair; mas, súbito, recua

Transida de pavor: ao longe, entre os valados,
Vê latejar na treva os olhos incendiados

Do demónio e ouve ao largo uma risada estranha...
Um suor de agonia a petrifica e banha.

Quer gritar, mas em vão; quer fugir, mas não pode...
Sem ar, sem luz, Jesus! morre e ninguém lhe acode!

E caiu no limiar da porta a soluçar...
Ali, na casa ao pé, tem o noivo a acabar.

No silêncio da noite escuta-lhe o estertor...
Ouve chorar a mãe, e ela sem ter valor!

E a tal voz a insistir na vasta escuridão:
«— Tens-lhe a vida na mão! Tens-lhe a vida na mão!»

Rosa não pôde mais. Num ímpeto impelida,
Ergueu-se e arremessou-se à noite desabrida

Numa alucinação de fé tão inconsciente,
Tão impulsiva, que ela, andando sempre em frente,

Com os olhos a arder e a boca esbraseada,
Ia, sem saber onde, aos tropeções na estrada!

Ia, só Deus o sabe, em busca da ventura
Que foge quanto mais às vezes se procura...

Da paz do amor, da paz que naufragara há tanto
Na sua alma infeliz afogadinha em pranto!

Ia ver se encontrava o bem que lhe fugira,
Porque o bem que Deus dá não pode ser mentira

E há-de inda encher de luz a sua vida inteira, —
Que o diabo não faz mal sempre que Deus não queira.

Um vento rude agoita a charneca maninha,
Arqueja no montado, em fúria redemoinha

E, sob o frio olhar das estrelas absortas,
Numa dança macabra agita as folhas mortas.

Rosa perdida assim na paisagem dorida,
Gelada de pavor, sente que toda a vida

Lhe aflui ao coração. Olha: de cada lado
Vê uma alma a sofrer num tronco torturado;

A loucura e a paixão nas ramadas hirsutas;
E na impassível dor das penedias brutas

O desalento, a queixa, a ânsia duma prece
Que sobe como o fumo e o vento desvanece.

Ouve gemer, chorar na lívida tristeza
Dos campos. Que desgraça aflige a natureza?

Que angústia despedaça o coração da terra?
Rosa não sabe, vai sob os montados, erra

Por entre matagais, espectro da agonia
No fantástico horror da noite. Via e ouvia

Bruxas de grenha esparsa, olhos fosforescentes,
Sardónicas mostrando os descarnados dentes

Num rude pandemónio, erguendo as mãos mirradas
E as bocas contorcendo em estrídulas risadas...

Mas pensa no Antonino a arquejar num casebre,
Doidinho a desvairar nos rescaldos da febre,

E na suprema fé que a galvaniza, jura
Que o sol há-de doirar-lhe os dias de ventura

Se ela fizer bem feita essa cruz redentora.
No entanto, o turbilhão de fúrias que a apavora

Cresce cada vez mais, cada vez mais perturba
A sua alma infeliz, e é entre a estranha turba

Que ela a tremer arranca, atónita, gelada,
Dois ramos de trovisco e os põe em cruz na estrada,

E foge sem parar, vertiginosamente,
Atrás dela sentindo a turbamulta ingente

Em tropel, a correr e a uivar pragas e ameaças,
Como se todo o mal e todas as desgraças

Em rajadas de dor, emavas de amargura
A seguissem, que horror! naquela noite escura,

Pra lhe arrancarem vivo o coração em sangue...
Rosa ao entrar na aldeia, alucinada, exangue,

Ouviu chorar, gritar... Correu em desatino
E exausta foi cair à porta do Antonino,

Que tinha sucumbido à última maleita...
Pobre Rosa, infeliz, fizeste a cruz mal feita!

PRIMAVERA

Fins de Abril. A natureza
Rebenta por toda a parte.
Não existe, com certeza,
Nem Crespo com mais riqueza,
Nem artista com mais arte.

Como o céu se enche de estrelas,
Enche-se a terra de flores
Talvez ainda mais belas...
São duma só cor aquelas
E estas de todas as cores.

Campos largos, avenidas,
Bosques tranquilos, outeiros,
Praias das ondas batidas,
Renques de faias torcidas,
Alas nuas de salgueiros;

Tudo o que a morte invadira
Nas derrocadas do Outono,
Quando o nordeste suspira
E geme na velha lira
Da tristeza e do abandono;

Tudo enfim rebenta agora
Numa alegria expansiva:
Parece que, de hora a hora,
A seiva que revigora
É mais pujante e mais viva.

São claros os horizontes
Em que a vista se nos perde,
A água canta nas fontes,
Tingem-se vales e montes
Por toda a parte de verde.

É mais alegre e lavada
A brancura das aldeias;
Já se ouve, descompassada,
A solfa da passarada
Trinando semicolcheias.

Vestem-se os troncos vetustos
Desnudados pelos ventos,
E os mais flexíveis arbustos,
Que o Inverno vergara em sustos,
Desentranham-se em rebentos.

Cravos, rainúnculos, rosas,
Papoilas, lírios, jasmins,
Cinerárias e mimosas,
As alfazemas cheirosas
Das hortas e dos jardins,

Riem ao sol que as fecunda
Todo o dia nos canteiros,
Até que à tarde as inunda
A saudade moribunda,
Dos seus clarões derradeiros!

Já da crista dos açudes
Não rompem as albufeiras
Tão encrespadas e rudes;
Murmuram como alaúdes
Tangidos por feiticeiras.

Por entre as searas frementes
Que ao longe parecem mares,
Ardem papoilas rubentes,
Boiam à flor das correntes
Ilhotas de nenúfares.

Pelas pastagens rociadas
De apetitosos orvalhos,
Andam as loiras vacadas;
Retinem pelas quebradas
As guizeiras e os chocalhos...

... ..

E o sol que alegra os montados
E adoça o néctar das flores,
Parece que aos desgraçados
Torna os dias mais pesados
E mais amargas as dores!

São como ignotos países
Aonde nunca amanhece,
As almas dos infelizes;
Troncos mortos, sem raízes,
Que a seiva não reverdece!

Abril! Abril! Quem me dera
Nessas almas carcomidas
Do tédio que as dilacera,
Ver também a Primavera
Brotar em crenças floridas!

Que as almas, num cativeiro,
Sem ar e sem claridade,
Rosas sem cor e sem cheiro...
Ó Deus bom, Deus justiceiro,
Que injustiça e que maldade!

A SANTA CRUZ

I

Nesse ano fomos nós passar a Primavera .
Às Vidigueiras: — eu, minha irmã, que então era
A moça mais gentil daqueles arredores,
Minha Mãe e meu Pai.

A trama, os pormenores
Desse trecho de vida alegre, entre os montados,
Refrescam muita vez os ermos estirados
Da minha alma sequiosa. O campo, as Vidigueiras,
A casa, a igreja, a horta e em torno as azinheiras,
Condensadas num bosque hirsuto, em cujas ramas
Os melros fazem ninho e os cucos epigramas.
Na horta abre um rasgão a lâmina prateada
Duma fresca ribeira, alpestre, marginada

De choupos e chorões e faias seculares.
Toda a terra se expande em vinhas e pomares.
Há rosas em festões ensanguentando os troncos,
Madressilvas em flor, que revestem os broncos
E velhos canapés de alvenaria. O buxo
E as rosas de tocar formam *panneaux* de luxo;
As latadas, dosséis tão densos e tão baixos,
Que a boca pode bem desengajar os cachos.
No rebordo do tanque há vasos de açucenas
E craveiros reais.

Pelas tardes serenas,
Como uma estranha dor que se lamenta e chora,
Move-se lentamente o engenho duma nora.

No pátio, ao pé da casa, a torre alta e vetusta,
Cuja lendária história os ânimos assusta
De modo que não há inda hoje quem se afoite
A subir-lhe os degraus depois da meia-noite.
Ao lado a igreja. É ampla, abobadada e fria.
Tem o cunho, a tração de extinta freguesia:
A pia do baptismo, o púlpito lavrado,
A um canto o velho esquife há muito abandonado,
E no fundo duma arca, em pútrido descanso,
Uns farrapos de umbela e as folhas dum ripanço...

Mas há neste recinto a paz consoladora
Que invade os corações. No altar, Nossa Senhora
Das Neves, um primor de mística escultura.

Não se pode exigir mais graça e mais ternura:
Alta, risonha, as mãos eternamente postas,
O cabelo a cair-lhe em ondas pelas costas.
Na fina encarnação dos lábios descerrados
Há eflúvios de amor; e os olhos, constelados
De quanta luz etérea inunda o firmamento,
Confundem a razão perante o sentimento.

É o altar entalhado em pura Renascença:
Colunas e dossel duma folhagem densa,
Com cabecitas de anjo e aves-do-paraiso
Picando em cachos de oiro; e sobre cada friso,
Sopesando o esplendor das rútilas arcadas,
Carrancas de leão, de jubas erigadas.
Diante desse altar e nesse tempo eu ia
Pedir à Mãe de Deus o pão de cada dia...
Ó doce e ingénua fé com que eu naquela idade
Erguia o meu olhar à paz, à suavidade
Desse rosto de Santa! Ai! sofro se me lembro
Que isto era em Março e eu estou no ríspido Novembro
Da vida: o Inverno chega; o vento sopra forte;
As crenças vão murchando ao hálito da morte;
Caem dos troncos nus lágrimas cristalinas,
Geradas a tremer no seio das neblinas;
E a alma que cantava e o coração que ria,
Sinto que mos invade a noite erma e sombria.
E enquanto, ó minha Mãe, de joelhos a teu lado,
Eu rezava o que tu me havias ensinado
Nas tranquilas manhãs à beira do meu leito,

Com os olhos no chão e as mãos em cruz no peito,
— Sobre a minha cabeça andorinhas aos pares,
Num voo incerto e vago em frente dos altares,
Flechas vivas crivando as orlas da cimbalha,
Em busca do beiral que à noite as agasalha,
Palpitavam no espaço... e a alegria, com elas,
Em jorros penetrava, a rir, pelas janelas,
Como se Deus soltasse, em frémitos suaves,
Gargalhadas de luz das gargantas das aves.

II

Fez-se pomposamente a Santa Cruz nesse ano.
Lembro-me: foi em Maio; a três, se não me engano.
Que esplendor! Que alegria!

Armámos as capelas

Logo pela manhã, com guarnições singelas
De açucenas e murta. O chão, atapetado
De rosmaninho em flor. No adro, em cada lado
Do cruzeiro de pedra, erguemos nós — que festa! —
Dois pinheiros reais, cobertos de giesta
Apertada com junco e, em cima, grandes discos
De ramos de chorões e hastes de malvaíscos.
A cruz! Eu não sei bem como isto se descreve...
Que frescura! Que mimo! Era grandiosa e leve
Ao mesmo tempo. Ali, no emblema do martírio,
Uma rosa sorria e soluçava um lírio;

E, porque no contraste a vida se resume,
Papoulas e jasmins, a neve ao pé do lume,
Enlaçavam-se à cruz, que nos campos desertos
Olhava o céu azul com os braços abertos.
Chegam de toda a parte os grupos de romeiros:
Gente rija do campo, homens fortes, trigueiros,
Da raça viva e sã dos velhos Lusitanos.
Sobraçam com vigor os varapaus serranos;
De jaquetas ao ombro e camisas lavadas,
Cantando algrementemente ao longo das estradas,
Enfeitam de verdura e matizam de flores
As copas dos chapéus e as cintas multicores.
Na frente as aldeãs, esbeltas raparigas,
As bocas sensuais repletas de cantigas,
O olhar dum brilho estranho, irónico, picante
Como agulhas de luz, o busto triunfante,
O andar firme, esmaltando alegres a paisagem
Com as saias de chita e os lenços de ramagem.

E assim se foi enchendo o pátio, a igreja, o adro.

Eu tenho na minha alma as tintas desse quadro,
Mas falha-me o pincel e estraga-me a pintura.
Dançam, cantam ao sol; aqui e além murmura
A guitarra nas mãos dos broncos jornaleiros;
Troam no ar sereno e agitam-se os pandeiros;
E entre o rude tropel concêntrico dos pares,
Gemem os soltos ais das trovas populares.

Tudo ri, tudo esquece o desamparo, as febres
Curtidas pelo chão dos rústicos casebres,
A fome que os definha, a enxada que os cansa
E os curva e faz andar no mundo à semelhança
Da besta que só vê a terra em que trabalha.
Bendita a Santa Cruz! O pobre canta e balha,
Que a morte é longa e triste e a vida é bela e curta,
Engrinaldada assim de pâmpanos e murta.
Toca a rir e a saltar, que aos saltos, satisfeito,
Também lhes anda agora o coração no peito!
Bendita a Santa Cruz!

O Sol vai declinando;
O sino, alto, no azul braceja soluçando;
Lá vêm as procissões...

Nas estradas opostas
Descem pausadamente as íngremes encostas,
Por cima do *moiré* riquíssimo dos prados,
Em direcção à Cruz, dois grupos isolados
De mulheres. Vem num, à frente, a Madalena,
Alta, pálida, magra, erguendo a voz serena
No silêncio da tarde. O seu longo vestido
É negro como a noite; arrasta-lhe, comprido
E leve como um véu, nas ervas, o cabelo
Que foi o seu triunfo e é hoje o seu flagelo.
E porque o céu é brando e a terra tem abrolhos
Ela pousa na terra os macerados olhos
Plenos de contrição. Traz pendentes os braços,
Indignos de os erguer aos límpidos espaços,

E mostra ensanguentado às filhas do calvário
O rosto de Jesus nas dobras do sudário.
Canta! Na sua voz há queixas, desalentos,
Que apertam, só de ouvir, os corações sedentos
De perdão e de fé na bem-aventurança...

Pararam no arraial as músicas e a dança;
Tudo se cala e ajoelha. Uma doce tristeza,
Uma vaga impressão de mística grandeza
Enche as almas de paz e as solidões invade
Dum perfume subtil de amor e de bondade.
Avança do outro lado o grupo da Mordoma,
Que dentre os azinhais alegremente assoma.
Uma dúzia talvez de belas raparigas,
Modestas e gentis como as vestais antigas,
Ornaram — que frescura! — os seus vestidos brancos
Com madressilva em flor colhida nos barrancos
E o loendro trivial que nasce nas ribeiras.
Vem a Mordoma, igual às suas companheiras,
Erguendo a Santa Cruz, que patrocina os lares
E dentre as mãos lhe vai embalsamando os ares;
Vem cantando também, boca vermelha e casta,
Um hino de louvor ao Deus que nos afasta
Das rubras tentações da carne e do pecado.
Dissolvem-se no azul do espaço ilimitado,
Orvalho que se esvai das folhas do amaranto,
As notas virginais desse límpido canto.
No fim de cada copla, o ritornelo em coro,
Murmurando em surdina, a tremer com um choro,

Ondula na amplidão; e as piedosas mulheres,
Que como Ofélia vêm pisando os malmequeres,
Espalham pela estrada uma chuva copiosa
De folhas de mentrasto e pétalas de rosa.

Chega o grande momento, o encontro ambicionado.
Pararam junto à Cruz, vindos de cada lado,
Os cortejos. Então a Madalena canta,
Como se lhe vibrasse em queixas na garganta,
Ao beijar o sudário, humilhada por terra,
O hino ao redentor que os corações descerra:
— «Para as almas sem luz, para as vidas sem norte,
Um só crisol no mundo as purifica: a morte.
Sobe o espírito ao céu nas asas duma prece;
O corpo desce à terra e imóvel apodrece
Como uma cousa vil! Ó Santa Cruz, erguida
Nos píncaros da fé, tão alta e revestida
Do que há de belo e são na natureza, — as flores,
Atende o meu remorso, escuta as minhas dores,
E ao clarão desse sol que morre nos espaços
Deixa, piedosa cruz, que eu morra nos teus braços...»
E a Madalena aspira às núpcias do Calvário,
Põe um beijo febril nas dobras do sudário
E toda se debulha em lágrimas amargas.

Rebentam brutalmente as bombas e as descargas;
Estoiram pelo chão os bojos dos morteiros;
A dança recomeça. Os guizos dos pandeiros

Dão risadas no ar; os pífanos dão gritos;
Tambores, cornetins, castanholas e apitos,
Numa viva explosão de júbilo selvagem,
Atordoam, — que inferno! — e arrastam na voragem
Toda essa multidão entusiasmada e crente.
O olho rubro do Sol mergulha-se no poente.
Erram, perdida a cor, as nuvens desmanchadas;
Sobe da terra um cheiro a plantas repisadas
— Rosmaninho e alecrim — que os corpos retempera
No másculo vigor que insufla a Primavera.

A festa continua até de manhã cedo...

.....

E eu, que era enfezadinho e tinha muito medo
De me ir deitar de noite, ouvindo aquela gente,
Dormi com minha Mãe, nesse calor clemente
Do meu ninho, avezita implume e agasalhada.
Mas, nervoso e febril, não dormi quase nada,
Inquieto, ouvido à escuta, imaginando horrores...
Minha Mãe estendia os braços protectores,
E apertando-me, ao som dessa algazarra enorme,
Dizia a meia voz: — «Não tenhas medo, dorme!»

SALADA PRIMITIVA

Leitor, se amas o campo e a natureza,
Se és bucólico e rude,
E na tua rudeza
Só respeitas a força e a saúde;
Se às convenções da sociedade opões
O desdém pelas normas e preceitos,
Que trazem pelo mundo contrafeitos
Cérebros e corações;
Se detestas o luxo e se preferes,
Francamente, às senhoras as mulheres,
E tens, como um pagão da velha Esparta,
Pulso rijo, alma ingénua e pança farta;
Se és algo panteísta e tens bem vivo
Esse afagado ideal
Do retrocesso ao homem primitivo,
Que nos tempos pré-históricos vivia

Muito perto do lobo e do chacal;
Se um ligeiro perfume de poesia
Que se ergue das campinas
Na paz, no encanto das manhãs tranquilas,
Te dilata as narinas
E enche de gozo as húmidas pupilas, —
Leitor amigo, se assim és, vou dar-te
«Se a tanto me ajudar engenho e arte»
Uma antiga receita,
Que os rústicos instintos te deleita
E frémits te põe na grenha hirsuta.
Leitor amigo, escuta:

Vai, como o padre-cura, cabisbaixo
Pelos vergéis da tua horta abaixo
Quando no mês de Abril, de manhã cedo,
O sol cai sobre as franças do arvoredor,
Para sorver aqueles bons orvalhos
Chorados pelos olhos das estrelas
Nos corações dos galhos;
Passarás pelas couves repolhudas
— Cuidado, não te iludas,
Nem te importes com elas! —,
Vai andando...

Mas logo que tu passes
Ao campo das alfaces,
Pára, leitor amigo,
E faz o que te digo:
Escolhe dentre todas a mais bela,

Folhas finas, tenrinhas e viçosas
 Como as folhas das rosas,
 E enchendo uma gamela
 De água pura e corrente,
Lava-a, refresca-a cuidadosamente.
Logo em seguida (e é o principal)
Que a tua mão, se hesitar, lhe deite
 Um fiozinho de azeite,
 Vinagre forte e sal,
E ouvindo em roda o lúbrico sussurro
Da vida ansiosa a propagar-se, que erra
 Em vibrações no ar,
Atira-te de bruços sobre a terra
 E come-a devagar,
Filosoficamente, como um burro!

ALMA RELIGIOSA

— Na parede de uma ermida rústica —

Há uma paz infinita
Na solidão das herdades...
Ó alma das coisas mortas!
Eu sinto que me confortas
Nos campos, quando me invades,

Porque todo me penetras
De ignoradas sugestões,
De mistérios ignorados,
Que evocam os meus cuidados
À flor das minhas canções.

À tona das minhas queixas,
Levada de mundo em fora,
A minha amargura espanta,
Pelas tristezas que canta
E as alegrias que chora.

Surgem misérias e dores
De entre a charneca maninha,
E escuto as mágoas doridas
Que irrompem de tantas vidas,
Muito mais tristes que a minha.

São infelizes que choram
Sem terem consolação;
Criaturas desgraçadas,
Que vivem com sete espadas
Cravadas no coração;

Almas sem fé, almas cegas,
Aos tropeções pelo mundo,
Barcos sem remos nem velas,
Que açoitados das procelas
Naufragam no mar profundo.

Que é certo haver neste vale
De lágrimas muita gente
Que vai andando, sem tino,
À mercê do seu destino,
Da sua sorte inclemente,

E deixa-se ir no abandono
De forças que não reagem,
Como no inferno do Dante,
Por entre o horror palpitante
Duma trágica paisagem.

Vendo as reses tresmalhadas,
Nossa Senhora da Guia
Por entre as reses caminha
Procurando, coitadinha,
Toda a noite e todo o dia

Guardá-las no santo aprisco,
Das durezas e amarguras
Do mundo vil, e as protervas
Fogem-lhe em busca das ervas
Salgadas, das pedras duras...

Também no mundo padeço;
Mas terei a recompensa
Num outro mundo melhor,
Se nunca deixar de pôr
Em Deus os olhos da crença.

E à hora da minha morte
Hei-de ver, de par em par,
Num resplendor que idealizo,
As portas do paraíso
Abertas para eu entrar.

Entretanto, irei na terra
Bebendo as santas verdades,
O simples mel das colmeias,
Na doce paz das aldeias,
Na solidão das herdades...

AS CEGONHAS

Em Julho, as cegonhas ajuntam-se em bando,
Desertam dos ninhos e partem voando,
Fugindo aos calores;
Acabam nos campos as ceifas ardentes,
São mortas as relvas, as águas dormentes
E murchas as flores.

Ajuntam-se em bando, nas margens dos rios,
Caladas, tristonhas, de aspectos sombrios,
Até que, aos milhares,
As asas abertas, as pernas retesas,
Os bicos em riste, das largas devesas
Se ampliam nos ares.

Onde ides tão altas, cegonhas, cegonhas,
Buscar novos climas, caladas, tristonhas,
 Seguir novos trilhos?
Não tendes já nada que aqui vos detenha
Nas torres, nas faias, nas serras de lenha,
 Criados os filhos?

Criados os filhos, não tendes já nada
Que possa prender-vos à terra sagrada
 Das várzeas risonhas;
Por isso com eles dos ninhos partistes,
Com eles voastes, saudosas e tristes,
 Cegonhas, cegonhas!

E até para o ano, se Deus nos der vida,
Que o instinto da espécie vos move e convida
 De novo a voltar;
Veremos o bando que em Julho nos deixa,
Em Março de volta, co'as asas em flecha
 Remando no ar!

Freirinhas cingidas de véus alvacentos,
Fugiram, regressam de novo aos conventos
 Na paz do Senhor,
E havemos de vê-las a olhar como dantes
Curvadas, imóveis, dos altos mirantes,
 Os campos em flor.

Havemos de vê-las imóveis, absortas,
À hora das regas, no fresco das hortas,
Em estos sensuais,
A filosofarem nas coisas eternas,
Os corpos de arminhos, e os bicos e as pernas
De vivos corais.

Nas velhas igrejas havemos de vê-las
Em êxtases, graves, leais sentinelas
De Deus que as protege;
E pelos serviços que aos campos têm feito,
Havemos de vê-las no amor, no respeito
Do crente e do herege.

Nos verdes quinchosos, cegonhas, Deus dá-vos
Em volta dos ninhos papoilas e cravos
E ervilhas-de-cheiro,
E rosas silvestres trepando e açucenas,
Que à noite perfumam os pastos e as penas
Do vosso canteiro.

Deus dá-vos, cegonhas, o gozo de olhardes
Na paz, na agonia das místicas tardes
Os gados tranquilos,
À veia bebendo das águas correntes,
Enquanto se escuta, nas calmas vertentes,
A troça dos grilos,

E a ânsia das rolas, e as queixas da nora,
Em prantos que a terra sedenta devora

Num rude cansaço;

As vozes do tempo, do espaço infinito,
Que gritam confusas — «Deus seja bendito,

No tempo e no espaço!»

Cegonhas, cegonhas, que nunca nos falte
Convosco o mais vivo, mais límpido esmalte

Que alegra a paisagem!

Cá tendes o ninho na torre da ermida,

Até para o ano, se Deus nos der vida,

E adeus, boa viagem!

ÉCLOGA

A SOLIDÃO

Pastor que passas, triste e curvado,
Olhos nas ervas, atrás do gado,

O que fizeste dessa alegria
Que pelos campos cantava e ria?

Que é dessas cores que no teu rosto
Os sóis ardentes haviam posto?

E o aprumo, a força da vida agreste,
Pastor ingénuo, que lhe fizeste?

Foi-se a ventura risonha e calma;
Que é do teu corpo? Que é da tua alma?

Vida entre sonhos agonizantes,
Tão outra agora do que era dantes,

Que dor, que incêndio te vai tão nova
Queimando as asas e abrindo a cova?

Brotam cantigas por esses montes,
Cantam as aves, cantam as fontes,

Gente que passa para os trabalhos,
Guizeiras, frautas, búzios, chocalhos,

Que o Sol dardeja e a luz é tanta,
Que toda a terra se alegra e canta.

Só tu na estrada, pastor, que levas,
Olhas e cegam-te as densas trevas;

Escutas e ouves em roda, apenas,
O choro aflito das tuas penas;

Essa que amaste morreu decerto;
Voou-te a alma do peito aberto

E, ave perdida por noite escura,
Anda nos ares, doida, à procura

Da outra com que ela, por noite clara,
No mesmo ninho se acasalara.

O PASTOR

Essa que eu amo, quero e não vejo,
É o carrasco do meu desejo,

O inferno, a morte da minha vida,
Alma danada, alma perdida

Que me atormenta, que me esfacela,
A mim, que morro por amor dela!

Já não a vejo, mas sei que a amo!
Pássaro estúrdio, de ramo em ramo,

Fugiu-me e eu, triste, fiquei sòzinho
No destrogado, deserto ninho.

Outro fosse antes o desenlace:
Deus me matasse, Deus ma levasse,

Que melhor fora e antes quisera
Ver-me entre as garras dalguma fera,

A arder, aos gritos, numa fogueira,
Do que nesta ânsia, nesta canseira!

Deixou-me, foi-se com outro, e eu sigo,
Dias e noites a sós comigo,

Montes e vales correndo à toa,
Sem ver viva alma que se condoa

De mim, coitado, que ando sem tino
Na selva negra do meu destino

Em busca dessa que amo e não vejo,
Que é o carrasco do meu desejo.

A SOLIDÃO

Não tens remédio, pastor ceguinho,
Segue nas trevas o teu caminho,

Que o mal que sofres só terá cura
Na paz, no alívio da sepultura.

E enquanto pedes a morte, ansioso,
Sem ter sossego, sem ter repouso,

Sombra dorida de visionário,
Irás na encosta do teu calvário

Como um fantasma, triste e curvado,
Olhos nas ervas, atrás do gado!

ÍNTIMA PAZ

Na minha casa há saúde,
Muita paz, muita alegria;
Esta vida é talvez rude,
Mas é sadia.

Não há requintes de gosto
Nem grandes aspirações;
Mas há limpeza no rosto
E nas acções!

A consciência sossegada
É, sem que a muitos pareça,
A mais cómoda almofada
Para a cabeça:

Encosta-se e dorme a gente,
Como as crianças, sonhando,
Sem que a dor nos apoquente
De quando em quando.

Aqui, na simplicidade
Da vida agreste, procuro
Ir de verdade em verdade
Para o futuro.

Longe dos torvos bulícios
Onde campeia a mentira,
— Que entre maldades e vícios
Mal se respira! —

Vou nas estradas soalheiras,
Sempre evitando os atalhos,
Fugindo assim das canseiras
E dos trabalhos.

E faço a quem quer que seja
O bem que posso fazer:
Ter a alma benfazeja
É um dever.

Daquele que me quer mal
E tenta apagar-me a luz,
Livro-me eu pelo sinal
Da Santa Cruz!

Foge o demo da oração
E a luz continua acesa...
Tudo está na devoção
Com que se reza!

E a quem nesta paz se acoite
A vida é chão que se inflora
E a morte, não uma noite,
Mas uma aurora!

TRAGÉDIA RÚSTICA

Quando o sino batia
As doze badaladas do meio-dia,
O trabalho parava
E todo o bom católico rezava,
De cabeça inclinada e olhos no chão,
Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria,
Com o chapéu na mão.

Logo a seguir comia
Àvidamente, esvaziando o tarro,
O seu magro jantar;
E estendendo-se ao pé duma azinheira
Petiscava o fuzil na pederneira,
Acendia um cigarro
E punha-se a fumar.

Naquele dia um dos ganhões — o Grenha,
Ao largar o trabalho,
Sem rezar nem comer,
Toma por um atalho,
Que atravessa o montado e que vai ter
À ribeira da Azenha,
Onde lava a Rosária, essa magana,
Que ele ama e que o engana.

O dia está soalheiro
E as árvores parece
Que a natureza, que as despiu primeiro,
Agora tem dó delas e as aquece.

Pelas terras lavradas,
À cata das minhocas indolentes,
Saltam subtis, contentes,
Debicando, as arvéolas delicadas.

Do azul sereno sobre os olivais,
Caprichosas revoadas
De tordos e zorzais,
Baixam, de quando em quando,
Famintos, à procura
Da azeitona madura.

O Grenha vai nervosamente andando,
Sem saber ao que vai:
Vai, porque se não for
Falta-lhe o ar, e o coração no peito
Rebenta-lhe de dor.

— «O mal que essa maluca me tem feito
Para me desgraçar!
Como um cachorro andei-lhe sempre ao jeito,
Que eu não via outra luz,
Nem tinha outro pensar...
E engana-me, e despreza-me, e — Jesus! —
Talvez que eu vá morrer numa cadeia,
Mas há-de-mo pagar!»

A ribeira vai cheia,
Nos penhascos do açude,
Choram as quedas de água
Alguma oculta mágoa
Num choro aflito e rude.

Enche os campos de paz e de saúde
O sol, que alegra os choupos e as sobreiras,
E aquece os braços hirtos
Das faias altaneiras
Que, entre moitas de loendros

E grandes tufos de juncais e mirtos,
À margem se perfilam das ribeiras.

Em parte alguma vejo
Dias lindos como estes do Alentejo!
Que frescura, que graça, que abundância!
Enche a gente os pulmões de ar puro e leve,
Contemplando a distância,
Nos largos horizontes,
A crista azul das rochas e dos montes.

Mas todo o sol que em jorros
A natureza inunda,
Entre nuvens se apaga
Na alma do ganhão
Onde erra, vagabunda,
Ao vento e à chuva duma noite aziaga,
Como um pássaro bêbado, a razão!

Junto ao pego da Enguia,
Braços nus, chapinhando
À flor da água corrente,
Numa clara alegria
Que a voz confirma e o rosto não desmente,
Lava a roupa cantando
A Rosária, e ao vê-la,
Ninguém parece mais feliz do que ela.

É uma forte e guapa mocetona:
Morena, tranças pretas,
Olhos cor de azeitona,
Travessos, sobre a boca apetitosa,
Negro par de cativas borboletas
Quase a poisar nas folhas duma rosa;
Amplos quadris e os peitos,
Fartos de andar sujeitos
Num comprimido arfar,
Lembram, sob as roupinhas entreabertas,
Duas lebres elásticas, espertas
E prestes a saltar!

E canta:

«Não há pecado
Que não tenha absolvição;
As nódoas na roupa branca
Vão-se com água e sabão...

Quando me abraças, de noite,
Os teus braços, meu amor,
Se os abres eu sinto frio,
Se os fechas tenho calor!»

— «E o diabo inda o confessa!»
Ruge a tremer o Grenha.
Ela volta a cabeça

E ao vê-lo descomposto, a voz rouquenha,
O olhar ferindo lume
De raiva e de ciúme,
Pálido, atrás das silvas, indignada,
Batendo a roupa donde a espuma salta,
Murmura: — «Inda outra vez este marmanjo!
Não me larga... É demais! Eu já te arranjo!»
E canta em voz mais alta:

«Eu tenho-te ódio de morte;
Mas rezo-te um Padre-Nosso
Se te atirares ao pego
Com uma pedra ao pescoço.

«O meu rapaz é valente,
Olha lá se o descompões...
Nossa Senhora me livre
De malteses e ganhões.»

O Grenha cerra os punhos, range os dentes,
É um homem perdido,
Corre doido. Entrementes,
Rosária põe-se em pé e ameaçadora
Diz-lhe: — «Toma sentido,
Deixa-me, vai-te embora...
Olha que eu grito!»
— «Grita, alma danada! —

Ruge feroz o Grenha — Não há nada
Que nos possa salvar. Agora és minha,
De mais ninguém!» E agarrando-a com força,
Como um lobo a cevar-se numa corça,
Aperta-a, morde-a bestialmente, e ela
Luta, procura desprender-se, brame
Num desespero horrível, braço a braço,
Peito a peito, espumante... Mas o infame,
Sentindo-lhe o cansaço,
Num derradeiro impulso hercúleo, cego,
Ergue-a e atira-se com ela ao pego.

... ..

É sol-posto. Os montados
Carregam-se de sombra. A tarde esfria.
Vão, lentamente, recolhendo os gados.
No religioso declinar do dia
Tomam as coisas lúgubres aspectos,
E à vaga meia-luz
Contorcem-se no ar os esqueletos
Dos arvoredos nus.
Soam pelos atalhos
Cães a ladrar, balidos e chocалhos
Num concerto monótono de ruídos,
Que entre as formas, as cores, os aromas
E a paz da natureza,
Enchem de unção e lânguida tristeza
A alma e os sentidos.

... ..

Na ribeira da Azenha,
À flor do pego, unidos e pasmados,
Boiam dois corpos hirtos, agarrados:
É a Rosária e o Grenha.

MOÇAS DE BENCATEL

Ó moças de Bencatel,
Não vos zangueis se vos ralho:
Muito amor, pouco trabalho;
Pouco trigo, muito mel;
— Fiai-vos no que vos digo
E não fiqueis mal comigo,
Ó moças de Bencatel —
Para vós, para a lavoura,
Tomai tento, melhor fora
Muito trigo e pouco mel.

Vejo terras de pousio,
Que andaram sempre lavradas,
Todas cobertas de flores;
Mas quando chegar o frio
E passarem os calores,
E as chaminés apagadas
E as camas sem cobertores,
Mal irá às namoradas
E pior aos lavradores.

Funçanatas e derrickos,
Cantigas e pasmaceiras,
Fazem fugir aos serviços
E faltar às sementeiras:
Eis porque estão os cortiços
Abarrotados de mel
E estão desertas as eiras,
Ó moças de Bencatel.

Como abelhas, as cantigas,
Por entre moitas e brejos,
Fabricam favos de beijos
Nas bocas das raparigas,
E os mocetões das aldeias,
Sem canseiras nem cuidados,
Largam ancinhos e arados
Para crestar as colmeias...

Ó moças de Bencatel,
Vós tendes as bocas cheias...
Acautelai-vos, senão
Haveis de ficar sem mel,
Sem maridos e sem pão!

A CEIA

No monte, em volta do lume
Onde a lenha verde estoirava
E a chama alegre se ateia,
Sentam-se, à hora da ceia,
Os criados da lavoira.

Que pelos campos desertos
De charnecas e montados,
De estevas e rosmaninho,
Saem ladrões ao caminho
E andam lobos esfaimados.

No alpendre, um pobre de Cristo
Que não tenha eira nem beira
Se os pede, encontra agasalho
De noite, e arranja trabalho
De dia na sementeira.

Fogem da faina os malteses
Que gostam da vida airada
E andam nos montes à *pida*,
Porque é sempre a melhor vida
Comer e não fazer nada.

Ladram os cães nos apriscos,
À noite, de guarda às reses,
E se os cães ladram, é certo
Que sentem por ali perto
Lobo, raposa ou malteses.

Portas adentro do monte,
Eis um serão bem passado
Que a alma alegre e consola:
O velho Brás toca a viola,
O Zé ganhão canta o fado.

E as misérias e as desgraças
Vibram, com ais à mistura,
Do ganhão na voz rouquenha;
Fustiga o mal e desdenha
Do bem, que tão pouco dura.

Lampejam na cantareira
Os arames e os estanhos;
Perfilam-se em baixo, sobre
Poiais, asados de cobre
Que não há outros tamanhos.

A açorda — que cheiro a coentros! —
Nas barrinhoas fumega:
Cada qual miga o seu pão;
Ao fundo as moças estão
Rindo, entre as portas da adega,

Enquanto a feitora ralha
De as ver em tal pasmaceira,
Que se ela não as vigia,
Lá se vão a amassaria
E os trabalhos da queijeira.

Ceiam. Em pouco a ventura
Da pobreza se resume;
Por isso, muito os deleita
Uma açordinha bem feita,
Comida em roda do lume.

Dão graças a Deus; depois
Vão dormir em santa paz.
Enche-se o monte de sono...
Até dorme, ao pé do dono,
A viola do velho Brás!

CANÇÕES DAS ROSAS

Rosas de Abril! Cada rosa
É uma boca viçosa
Que se abre para cantar
Canções que a alma, com elas,
Tem de subir às estrelas,
Para as poder escutar!

Sobe em revoadas de versos,
Presa aos aromas dispersos
Que são as vozes das flores...

.....

Só ouvem cantar as rosas,
As tristes almas ansiosas:
Os poetas e os sonhadores.

SERENATA A NOSSA SENHORA

Manel das Hortas, o cantador,
Cantando vai por onde quer que for...
Tem natureza de rouxinol:
Canta a tristeza, canta a alegria,
Canta de noite, canta de dia,
Desde o nascer até ao pôr do Sol!

Canta nas festas, canta nos mastros,
Olhos no céu sob um chuveiro de astros,
Mãos na guitarra, que geme e chora...
É a alma, a vida dos bailaricos;
Vão atrás dele pobres e ricos,
Se vai cantando pelas ruas fora.

Espadaúdo, vermelho e forte,
Já fez vinte anos, vai tirar a sorte,
Foi apurado na inspecção;
Se a sorte falha, que desgraçado!
Adeus, ó moças, será soldado
E há-de ir à guerra como os outros vão.

Deixará tudo: vales e montes,
O rir das aves e o chorar das fontes,
Dos vastos campos a beatitude,
As serenatas e as romarias,
Pelas casernas negras e frias
E pela farda empertigada e rude.

Alma de poeta, simples e boa,
Alma com asas que entre sonhos voa
Nos esplendores da eterna graça,
Nossa Senhora se lembre dela,
Dessa alma clara como uma estrela,
Que brilha, canta ingenuamente, e passa...

Nossa Senhora das Vidigueiras,
Que cura o gado e acode às sementeiras,
Amparo e guia dos lavradores,
Acolhe e escuta, compadecida,
O pobre que entra na sua ermida
Para contar-lhe as aflições e as dores.

Se a fé é viva, se a crença é pura,
Toda a tristeza e toda a desventura
É pesadelo que se desfaz;
Que a Virgem Santa, baixando os olhos,
Demuda em rosas cardos e abrolhos
E os peitos enche de ternura e paz.

Manel das Hortas promete que há-de,
Se ficar livre, atravessar a herdade
E vir à porta da sua igreja,
Sòzinho, à noite, submisso e crente,
Dizer-lhe em trovas tudo o que sente,
Que o oiça ela e ninguém mais o veja.

Manel das Hortas cumpre a promessa:
Livre, alta noite os campos atravessa,
E a voz erguendo junto ao cruzeiro,
Ao som da banza que em dor convulsa
Lhe agita o sangue que ferve e pulsa,
Canta este canto ingénuo e verdadeiro:

«Senhora de olhos clementes,
Mãe dos tristes, mãe dos crentes,
Que ergues teus olhos ao Céu,
Ai! volve-os, repletos de astros,
Aos que te contam de rastros
As penas que Deus lhes deu.

Senhora dos pés ungidos,
Amparo dos desvalidos,
Por onde quer que caminhas,
São as pedras mais amenas
Que as folhas das açucenas
E os peitos das andorinhas!

Senhora das mãos benditas,
Lança nas almas aflitas
Bênçãos em lírios e rosas,
Tu, que à miséria te inclinas,
Senhora das mãos divinas,
Senhora das mãos piedosas!

Senhora dos lábios puros,
Que por caminhos escuros
Sorris ao que anda perdido
E o levas, preso no encanto
Das estrelas do teu manto,
Do clarão do teu vestido;

Senhora que não descansas,
Que adormeces as crianças,
À noite, nos descampados,
Tua voz salva e redime
Os que na vasa do crime
Vacilam desamparados!

Nada posso e nada valho;
Sou novo, canto e trabalho;
Sou pobre, dou-te o que tenho:
Nas trovas simples que eu canto,
Dou-te o meu sangue e o meu pranto
Em paga do teu empenho.

Sopro a sopro, a minha vida,
Quisera dar-ta embebida
Nos perdões do teu olhar;
E no sonho em que me embalo,
O coração, arrancá-lo
Do peito para to dar!

Quisera a alma depô-la,
Mansinha como uma rola,
No ninho do teu regaço;
E esse amor em que abrasas,
Erguê-lo, batendo as asas,
Pra te cantar pelo espaço,

E ver, num sonho florido,
Da barra do teu vestido
Brotar roseiras em flor,
Cujo aroma se exalasse
Por onde quer que passasse
Nas ruas o teu andor!

Senhora, cheia de graça,
O olhar de Deus esvoaça
No encanto do teu sorriso;
Ai! leva-me, Virgem pura,
Pela rua da amargura
Às portas do Paraíso.

As contas do teu rosário,
Choraste-as tu no Calvário
E transformaram-se em estrelas;
Rezam por elas, ansiados,
Os tristes, os desgraçados,
E eu quero rezar por elas.

Senhora das Neves, lança
Sobre mim bênçãos de esperança,
Bênçãos de paz e de amor!
Torna, Senhora das Neves,
As minhas penas mais leves
E o meu destino melhor!»

.....

Manel das Hortas caiu por terra,
As crenças vivas que a sua alma encerra,
Deram-lhe o êxtase, a ilusão,
E imóvel, hirtó, nem pestaneja,
Olhos em fogo fixos na igreja,
Espera ansioso... Sente-se um trovão;

Abrem-se as portas, de par em par;
Nossa Senhora, ao fundo, sobre o altar,
Surgiu risonha num mar de luz,
E erguendo os olhos e erguendo o braço,
Cheia de graça, traçou no espaço
Num gesto simples o sinal-da-cruz!

O SENHOR MORGADO

O senhor morgado
Vai no seu murzelo,
Todo empertigado.
É um gosto vê-lo,
Próspero, anafado,
Véstia alentejana,
Calça de riscado:
Homem duma cana!
Vai, todo se ufana
De ir tão bem montado
E ela na janela...
Seja Deus louvado!

O senhor morgado
Vai nas próprias pernas,
Todo bandeado;
Tem palavras ternas
Para cada lado.
Quando passa, sente



Que é temido e amado;
Fala a toda a gente,
Topa um influente:
«Sou um seu criado...»
Eleições à porta,
Seja Deus louvado!

O senhor morgado
Vai na sege rica
Todo repimpado:
Ai que bem lhe fica
O chapéu armado,
E a comenda ao peito
E o espadim ao lado!
Que homem tão perfeito!
Deputado eleito,
Muito bem votado,
Vai para o *Te Deum*,
Seja Deus louvado!

OS CIGANOS

Em marchas lentas, estropeadas,
Aos solavancos pelas estradas,

Cheios de andrajos e de lazeira,
De monte em monte, de feira em feira,

Sob as faíscas do sol ardente,
Vão os ciganos, tranquilamente.

Vão em magotes, em caravanas,
Por entre as choças e as arribanas,

Pelas charnecas, pelos valados,
Olhos em fogo, rostos tismados.

Magros fantasmas da vida errante,
Quando eles surgem, perto ou distante,

De toda a parte se erguem clamores:
Rogam-lhes pragas os lavradores,

E contra o bando roto e esfaimado
Ladram, investem os cães de gado.

Mas os ciganos são mais matreiros
Que os lavradores e que os rafeiros:

Raça dispersa de maltrapilhos,
Passam com bestas, fêmeas e filhos,

Suportam pragas, chufas, maus tratos,
Sofrem insultos e desacatos,

Imploram, gemem, fingem-se doentes,
Têm artimanhas e expedientes,

Até que ao termo de tais canseiras,
À sombra antiga das azinheiras,

Encontram sempre paz e repouso,
Sob a ampla bênção do céu piedoso.

É dura a terra que vão pisando,
Sentem revoltas, de quando em quando,

Nas incertezas dum rumo vário,
Contra as agruras do seu fadário...

Numa penúria faminta e reles,
Olham os campos que não são deles:

Frescas alfombras, nédias manadas,
Vinhedos, hórtas, eiras pejadas,

Riqueza em barda, sorte às mancheias
Abarrotando vidas alheias.

E, ó homem rico! tu tem cautela,
Que a ciganagem não se rebela

Contra o destino, que é desumano,
Sem te dar perdas ou causar dano.

Nunca lhe negues esmola e abrigo:
Senão, montados, medas de trigo,

Alpendres, choças, serras de palha,
Afora o caso que Deus te valha,

Hás-de ver tudo, se os maltratares,
Lambido em chamas por esses ares.

E ovelhas, cabras, chibatos, anhos,
O melhor que haja nos teus rebanhos,

As tuas éguas, os teus cavalos,
Se te descuidas, hão-de roubá-los,

E hão-de vendê-los, raça embusteira,
De monte em monte, de feira em feira.

.....
Almas sem crenças, que andais à toa,
Sem ter no mundo quem se condoa

Da vossa sorte rude e mesquinha,
Que ideal, que sonho vos encaminha?

Onde ides, almas desamparadas,
Almas penadas, pelas estradas,

Almas dispersas, almas errantes,
Em corpos toscos e extravagantes?

De que países do Extremo Oriente
Vindes trazidos pela corrente

Da mais sombria fatalidade?
Qual é, ciganos, a vossa idade?

Ninguém o sabe, nem vós sabeis
Donde é que vindes e onde é que ireis.

Andais aos tombos, aos solavancos
Pelas charnecas, pelos barrancos,

Incendiando, roubando, e quando
A morte às vezes vos for ceifando,

Tereis na terra paz e repouso,
Sob a ampla bênção do céu piedoso!

AO REBENTAR DAS SEIVAS

Vem depressa, ó Primavera,
Que estamos à tua espera!
Vejo dispostos os teares
E armados os bastidores,
Que são para tu bordares,
A oiro do sol e a cores,
Charnecas, várzeas, pomares,
Árvores novas e velhas,
De folhas verdes e flores,
Que dão o mel às abelhas
E a alegria aos lavradores...
Vem depressa, ó Primavera,
Que estamos à tua espera!

OS BÊBADOS

Os bêbados passam cantando nas ruas

Desertas da aldeia;

Recebem contentes, ao sábado, as jornas

E vão derretê-las à boca das dornas,

De noite, nas tascas, à luz da candeia.

Em chusmas, unidos, é vê-los no escuro

— Que até fazem dó! —

Espectros da fome, sair das tavernas,

Borrachos, cantando, cambadas as pernas,

Os olhos mortiços e as bocas em ó...

Um canta em voz alta; respondem-lhe os outros,

E cresce, enche o ar

Um coro arrastado, soturno, indolente,

E a alma do povo, parece que a gente

A sente cá dentro do peito a chorar!

Trabalham, moirejam de dia, e à noite,
Coitados, lá vão,
Fugidos à gleba, libertos do ancinho,
Embora haja fome, beber, porque o vinho
Alegra e é por isso melhor do que o pão.

Nas praças desertas abraçam-se em grupos,
Meu Deus, que tristeza!
E os braços lhes pesam mais leves nos ombros,
Que o lenho das dores, por esses escombros
Dos rudes calvários, nos ombros lhes pesa.

Os bêbados choram nas noites caladas,
Cantando em segundas,
As queixas doridas, os ais e os lamentos
Que às vezes se escutam na levã dos ventos,
Na voz, no marulho das águas profundas.

O génio das coisas soluça naquelas
Tristezas ocultas,
E os tristes borrachos, cantando nas praças,
Sugerem tragédias, acordam desgraças
Que, ó génio das coisas, na treva sepultas!

Um canta em voz alta; respondem-lhe os outros,
E cresce, enche o ar
Um coro arrastado, soturno, indolente,
E a alma do povo, parece que a gente
A sente cá dentro do peito a chorar!

INVERNO

Janeiro vai correndo agreste:
Campos desertos, encharcados;
O sopro agudo do nordeste
Regela o sangue e em fúria investe
Contra as piteiras dos valados.

O fumo sobe dos telheiros
E a névoa tolda os azinhais,
Como farrapos de ligeiros
Véus nupciais.

Olmeiros nus, faias esguias,
De braços hirtos para o ar,
Que ocultas mágoas, que agonias
Mudas, às mudas penedias,
Quereis e não podeis contar!

Por entre as rochas, rudemente,
Descem chorando as águas turvas
Duma ribeira ansiosa, em curvas
De serpente.

Os lobos passam nas aldeias,
A farejar, magros, hirsutos,
As arribanas que estão cheias:
Ladram-lhe atrás, em alcateias,
Os cães de guarda resolutos.

Em choças frias, sem resguardos,
Como nas tocas os coelhos,
Os aldeões tremem nos velhos
Gabinardos.

A fome aperta. O jornaleiro,
Chove e não pode trabalhar;
Já não tem pão, nem tem dinheiro,
Ouvem-se pragas num pardieiro.
E criancinhas a chorar.

Raio de vida! A sepultura
É menos fria e menos dura
Porque os acolhe em santa paz...
Vão para a vida os que têm sorte,
Os que a não têm vão para a morte:
Deus é que os faz e que os desfaz.

Ai, sono eterno! Os mais felizes
São os que a terra já consome:
Sustentam vermes e raízes,
E não têm frio e não têm fome!

NATAL

Natal frio. O vento sopra
Desordenado,
A água gela nos poços,
E o nevoeiro cerrado
Cega a vista e emperna os ossos.

O mar esfarrapa as ondas
Nas penedias.
As faias levam agoites:
Noites rudes como os dias,
Dias negros como as noites.

Pelas gargantas das serras
Encarquilhadas,
Tragando muros, lavouras,
Gados, troncos, as levadas
Despenham-se ameaçadoras.

Mês de Dezembro: horas brancas,
Horas de neve,
As plantas têm arrepios
E o orvalho, muito ao de leve,
Chora dos ramos esguios.

Na igreja dá meia-noite,
Repica o sino...
Depois da missa do galo,
Beija-se o pé ao Menino,
E o povo corre a beijá-lo.

O altar flameja entre flores;
Junto ao bercinho,
Sorrindo à gente que passa,
Lá está guardando o seu ninho
A Virgem cheia de graça.

Toca o órgão: que ternura
Nos olhos dela,
Vendo o filhinho deitado
Dentro da sua capela,
Gordinho, branco, rosado!

Pobres e ricos do mundo,
 Todos lá vão
Levar-lhe velas e flores;
Caem, fazendo oração,
De joelhos os pastores.

Na rua, meu Deus, que frio
 E que negrume!
Mas nos casebres da aldeia,
Se há frio, que lindo lume,
Se há fome, que boa ceia!

Crianças, de porta em porta,
 Sob as goteiras,
Geladas — que desatino! —
Andam cantando as janeiras,
Em louvor do Deus menino.

«La vai, lá vai, raparigas,
 Já mal podeis
Cantar, rouquinhas as vozes,
Repletos os saquitéis
De frutas, passas e nozes!»

Corre que Nossa Senhora
Desce do altar
E vai, em sonhos doirados,
Dar o Menino a beijar
Aos presos e aos entrevados.

Leva-o nas dobras do manto,
Chegado ao peito,
Por causa do temporal,
Com todo o amor, todo o jeito
Dum coração maternal.

Mas, como a voz dum profeta,
O vento norte,
Por onde quer que ele passa,
Entoa pragas de morte
E lamentos de desgraça.

E a Virgem sente aflitivos
Pressentimentos,
E escuta vozes aziagas:
A dela nesses lamentos,
E as dos judeus nessas pragas.

A EXTREMA-UNÇÃO

I

O cortejo que leva a extrema-unção
Vai triste e vai calado;
Calado e triste o povo aglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão.

Turbamulta de sombras vacilantes,
Parece deslizar
Absorta nos magoados cambiantes
Da luz crepuscular.

Foi também numa tarde assim tranquila
Que eu tive minha Mãe julgada morta,
E o viático, atravessando a vila,
Entrou a nossa porta.

Mas o povo cantava atrás da umbela,
E ao vir-se aproximando
Assomavam, com luzes à janela,
As mulheres cantando;

Cantavam o Bendito de joelhos
E a tremerem, coitados,
Na rua, à porta dos quintais, os velhos
Torcidos e mirrados;

À frente retinha a campainha
Em soluços no ar...
Morte negra, ai de nós! que se avizinha,
No ar a soluçar!

O cortejo que leva a extrema-unção
Vai triste e vai calado;
Calado e triste o povo aglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão!

O padre é novo e natural da aldeia,
Conhece-o toda a gente;
Mandou-o o Senhor Bispo e, casualmente,
Faz hoje a sua estreia.

O João da Luz tem uma filha, e é ela
Que está a agonizar,
Delgada e branca assim como uma vela
Que ardeu, ardeu e se apagou no altar.

O padre novo disse a missa nova,
E a triste, nesse dia,
Resignada enterrou na mesma cova
A saúde e a alegria.

E foi-se aos poucos definhando, e agora
Não há remédio, adeus...
Se a gente apaga uma candeia, Deus
Pode apagar a aurora.

É por isso que vai triste e curvado
O padre, e em vão procura
Apagar da lembrança
O espectro que, das brumas do passado,
Sinistramente avança!

Se ele pudesse, a consciência pura,
Humilde e sem paixão,
Àquela desgraçada criatura
Levar a extrema-unção;

Alma limpa, mãos limpas, ir depor
Os santos óleos nesse corpo enfermo,
Sentindo o coração tranquilo e ermo
Dum tão funesto amor!

Se pudesse esquecê-la,
Derruir na memória
Essa risonha quadra transitória,
Trecho de vida deliciosa e bela,
Ao longe intercalado
Na sombria aridez do seu passado!

Mas tudo, à proporção que vai andando,
Por onde quer que passa,
Vilmente lhe espicaça
O corpo miserando;
Debalde invoca Deus, que o não escuta,
É a Virgem, que o despreza nessa luta.

Como então, embriagam-lhe os sentidos
As mesmas cousas que com ela dantes
Amara tanto! Sítios preferidos,
Vales, encostas, árvores distantes,
As rochas e os outeiros...
Lá voltam do trabalho os jornaleiros

Cantando atrás dos bois;
Naquela pedra, ao pôr do Sol, um dia,
Abraçados os dois...
— «Perdoai-me, Jesus! Virgem Maria;
Valei-me por quem sois!»

Mas isso sim! Pelos caminhos fora,
Por entre as sebes que o relento esfria,
Tudo o que dantes lhe cantava e ria
Empalidece e chora!

Fora ali, no pendor daqueles serros,
Na primitiva paz desses montados,
Que, dentre a terra inculta dos seus erros,
Nascera o cardo vil dos seus pecados.

Se em fins de Abril a natureza é rica,
E uma erupção de flores
Dilui por toda a parte as sete cores
Que o sol, o grande químico, fabrica,
Qualquer casal acha o seu ninho feito
Quando está verde o pasto
E a tarde se incendeia em rosicleres;
Não há mais doce e perfumado leite:
Uma enxerga de folhas de mentrasto
Coberta com lençóis de malmequeres.

Foi ali que, olhos fitos nos seus olhos,
Boca na sua boca,
A carne em flor amortalhara a louca
Num sudário de abrolhos.
Inda lá estão os cedros inclinados
E as moitas de alecrim...
Parece que foi ontem! Abraçados...
— «Jesus! Ó Virgem, mãe dos desgraçados,
Tem compaixão de mim!»

O Outono, que vai áspero, desnuda
A charneca maninha;
Ai, tudo sofre e seca e se define
Numa tristeza muda!

Vão por montes e vales,
Aos repelões do vento, as folhas soltas;
Partiste, juventude, e já não voltas!

Ordena-te o destino que te cales...
O teu amor é criminoso, vence-o!
Silêncio, alma de clérigo, silêncio!

O cortejo que leva a extrema-unção
Vai triste e vai calado;
Calado e triste o povo aglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão.

II

No seu pequeno catre de solteira,
Essa pobre mulher, inda tão nova,
Dorme, coitada, a noite derradeira;
Que a de amanhã vai já dormi-la à cova.
Mal respira, está fria, cai-lhe a neve
Da eterna escuridão nos membros hirtos...
Ó morte, os teus segredos, como deve
Ser bom na hora derradeira ouvir-tos!

Não vê, nem ouve, em tão mesquinha sorte;
Esse martírio atroz,
Poupou-lho Deus, que Deus sempre na morte
Tem compaixão de nós.

Chora a um canto, num silêncio amargo,
De joelhos, a mãe dela;
A dor é grande, o coração é largo,
Mas custa-lhe a contê-la.

O pai, esse fugiu, não pôde mais!
São mais fracos os pais
Se a desgraça lhes vem bater à porta.
Anda talvez por esses matagais,
Por essa noite escura, aos ais, aos ais,
Vendo por toda a parte a filha morta!
Fugiu, não pôde mais!

De tanta formosura eis o que resta!

A doença ninguém poupa.

Quem a está vendo pensa: não é esta;

Morre, tão deformada e tão magrinha,

Que a gente mal o corpo lhe adivinha

Por debaixo da roupa!

O padre vai-a ungindo, e a cada unção

Esconjura o demónio, mas em vão,

Que o sente e escuta, eterno pecador,

A soluçar — que horror!—

No próprio coração!

As unções purificam-lhe os sentidos:

— «Perdoai-lhe os pecados cometidos,

Senhor, a carne é fraca;

Se um mal eterno as almas desgoverna

Durante a vida, há a clemência eterna

Que as cóleras aplaca!»

Quando a unge no peito, o pensamento

Grita-lhe sem piedade; que tormento!

Ó peito que ele tanta vez beijara!

Ó carne quente, palpitante e clara!

E aquela ânsia de amor!... — «Jesus, socorro!

Se me não vales, desfaleço e morro!»

Ao terminar a unção já não se ouvia
O flébil arquejar dessa agonia;
Ilumina-lhe os lábios um sorriso,
A derradeira lágrima resvala...
Anjos do paraíso,
Já podeis vir buscá-la.

III

Noite fria de Outono. Mal se enxerga;
Caminha-se às escuras;
Rescende a terra, cheira a sepulturas;
Coaxam rãs nas águas estagnadas;
Ergueu-se um vento ríspido, que verga
Os choupos das estradas.

E o cortejo ao voltar da extrema-unção
Vem triste e vem calado;
Calado e triste o povo aglomerado;
Triste e calado o padre e o sacristão...

«AD PETENDAM PLUVIAM»

Tlão! Tlão! Tlão! Tlão!
Vai pelos campos
A procissão.
Que Deus mande água
Por compaixão:
Desmaia a vinha!
Mirra-se o pão
E a terra é seca
Como um carvão!

O povo leva
Com devoção
Nossa Senhora
Da Conceição,
De monte em monte,
Por onde estão
Velhos de rastos,
Olhos no chão,
E as mãos cruzadas
Em oração.

Choros e rezas
Foi tudo em vão;
Nossa Senhora
Quis procissão!
Ela tem tudo
Na sua mão;
É quem mais manda
No céu cristão;
Vamos ter chuvas
Até mais não...
Não acreditam?
Verão, verão!

Dobram os sinos
Tlão! Tlão! Tlão! Tlão!
Foguetes, bombas,
Que reinação!
Padres de estola
Mascando vão
Latim na solfa
Do cantochão,
E o incenso, em nuvens
Pela amplidão,
Cheira que é uma
Consolação!

O padre Vasco
Pregou sermão

Contra a notória
Devassidão;
Calor na igreja,
Muito apertão,
Desmaios, gritos,
Ai, que aflição!
Se isto é castigo,
Se é maldição,
Deus nos acuda,
Perdão, perdão!

Por entre as searas
A multidão
Vai murmurando:
«Perdão, perdão!»
E o prior velho
Levanta a mão
E agita o hissope
Da remissão
Com água benta,
Cuja aspersão
Orvalha o trigo
Mais o feijão.

E a Virgem Santa
Da Conceição,
Manto de seda,
Brincos, grilhão,

Anéis de pedras
De estimação,
Laços e flores
Em profusão,
Lá vai sorrindo
Com tal unção,

Com tanta graça,
Tanta expressão,
Que todos crêem,
Sem distinção,
Que vão ter água,
Que vão ter pão!

ROSITA

Rosita sobe a encosta. O sol declina
Rubro, através do pinheiral sombrio.
Leva à cabeça o cântaro vazio,
A encher na veia de água cristalina.

Vai cantando em voz alta, que domina
O silêncio da tarde; ao longe, o rio
Desdobra-se nos campos, como um fio
Delgado e rutilante de platina.

No alto da serra encontra o jornaleiro,
Aquele mocetão rude e trigueiro
Que a amou e passa agora indiferente...

Rosita desce a encosta; vai calada,
No coração a raiva concentrada,
E os olhos marejados no poente.

NO MONTE

No monte, o lavrador, cansado da labuta
Do dia que passou, monótono, uniforme,
São oito horas, ceou, recolheu-se e já dorme,
Feliz por ver medrar as terras que desfruta.

A lavradora, não; activa e resoluta,
Moireja até mais tarde e descansa conforme
A faina lho consente e a barafunda enorme
De homens e de animais que em derredor se escuta.

Mas a filha, que tem vinte anos e que sente,
Nas solidões da herdade, a alma descontente
E o sangue a referver num sonho tresloucado,

Encosta-se à janela; ouvem-se as rãs e os grilos;
E os olhos de azeviche, ardentes e tranquilos,
Ficam-se horas a olhar as sombras do montado...

A CALMA

O sol caustica a prumo a rústica devesa!
Exala-se da terra um bafo ardente; o gado,
Sedento, mal resfolga à sombra do montado,
Nas fulvas crispações dessa fornalha acesa.

Canta, refresca o ouvido a água na represa
Da azenha e ao longe a voz dum melro fatigado
Quebra, de quando em quando, o silêncio pesado
Da sesta, que adormenta em roda a natureza.

Arquejam, bico aberto, as galinhas e os patos;
E eu que, a escorrer suor, abro os olhos a custo,
Espreguiço-me, acordo, e artista como um grego

O meu olhar pagão vê, através dos matos,
Mover-se o corpo nu, elástico, robusto,
Dum filho do moleiro a chapinhar no pego.

SILÊNCIO TRÁGICO

A faina principiou de manhã cedo,
Manhã de Junho, quente, abafadiça:
Os machados, na *arranca* da cortiça,
Rasgam de cima a baixo o arvoredor.

E o sobreiral vetusto, no segredo
Das trágicas paixões, na dor submissa
Dos vegetais, dir-se-á que se espreguiça
Num êxtase espectral de espanto e medo.

Mas quando, ao fim da tarde, olho o montado
E vejo em carne viva, ensanguentado,
O velho sobreiral, sinto que encerra,

Na tortura sem voz dos infelizes,
A dor que vai dos troncos às raízes
Chorar, gritar no âmago da terra!

OS BOIS

Na doce paz da tarde que declina
Após a faina sob um sol ardente,
Vão os bois recolhendo, lentamente,
Pelas vias desertas da campina.

Atravessam depois a cristalina
Ribeira e ao flébil som da água corrente
Bebem sedentos, demoradamente,
Numa sensual rudeza que os domina.

Mas quando, fartos de água, erguendo as fronte,
Os beijos escorrendo, olham os montes
E ouvem cantar ao alto os rouxinóis,

Eu fico-me a cismar, calado e triste,
Que um mundo de impressões, que uma alma existe
Nos olhos enigmáticos dos bois!

BENVINDA

I

Benvinda, a filha do sineiro, é loira
E alegre como o sol que os campos doira.

Delgada e frágil como as açucenas
Que oscilam mesmo nas manhãs serenas,

Gota de orvalho transparente e pura,
Que um dia Deus deixou cair da altura

Sobre a triste existência temporal
Do sineiro da velha catedral.

Vinte anos sem ter filhos, já não era
Provável que uma flor de Primavera

Viesse, em plena luz, desabrochar
Na estéril decadência do seu lar.

A mãe já tinha feito quarenta anos
E ele sessenta; enfermidades, danos

E a solidão que as almas enregela,
Fizeram pouco a pouco dele e dela

Dois tristes seres, arrastando a vida
Difícilmente, na mansarda erguida

Na igreja, sob um vão de contraforte
Que ampara a torre contra o vento norte.

De modo que ao nascer essa criança,
Com ela renasceu também a esperança,

Chama que irrompe dentre cinzas frias,
De melhor tempo e mais alegres dias.

E porque veio assim, formosa e linda,
No mês de Abril, chamaram-lhe Benvinda.

Gastou-se a mãe no leite que lhe deu,
E, logo após a criação, morreu,

Vendo, ao clarão do derradeiro olhar,
A filha a rir e o pai a soluçar.

II

Benvinda tem quinze anos. Cada dia
Que rompe entre clareiras de alegria

No imaculado azul dos olhos dela,
Anoitece, com medo de perdê-la,

No coração do lúgubre sineiro,
Não vá, última flor do seu canteiro,

Ser também desfolhada pela morte.
O medo de a perder turva-o, de sorte

Que se ela o vê a olhar, ralado e bronco,
E, haste nova cingida a um velho tronco,

O abraça e beija em estos de prazer,
Quer e não pode as lágrimas conter.

Capricho singular da natureza:
Ser a alegria fonte de tristeza

Naquelas duas almas tão vizinhas
Das nuvens altas e das andorinhas,

Vivendo entre beirais e coruchéus,
Distantes mais dos homens que de Deus,

E amando-se no seio oxigenado,
Na limpidez do espaço ilimitado.



Quando o velho cardíaco se sente,
Muitas vezes, mais fraco e mais doente,

Benvinda ergue-se cedo e é quem moireja:
Varre o largo terraço sobre a igreja,

Rega os vasos dispostos a seu jeito,
Em linha, junto ao crasso parapeito,

Nos quais, ao sol, o seu olhar ufano
Vê sempre a abrir rosas-de-todo-o-ano;

E, com os braços tenros e franzinos
E as mãos pequenas, lá repica os sinos

Com tão clara alegria pelos ares,
Que as imagens sorriem nos altares,

E voam, num ligeiro e alegre bando,
Em volta dela os pássaros cantando!



Afeita ao culto, alma singela e boa,
A fé tranquila em Deus habituou-a

Da religião às práticas submissas:
Confessa-se, jejua e assiste às missas,

Da ogiva aberta em frente do altar-mor
Toda inclinada para ver melhor,

Quando há pontifical ou lausperene,
O cortejo magnífico e solene

Do senhor arcebispo, revestido
Da capa magna, atrás do seu cabido,

A mitra de oiro, o báculo aprumado,
Em bênçãos para um lado e outro lado.

Tudo a deslumbra. Histérica e nervosa,
Ébria de incenso e de harmonias, goza

Num êxtase devoto, as cousas belas
Que esmaltam os altares e as capelas:

Esculturas, jarrões, pratas e rendas,
Os brocatéis e as lhamas estupendas

Que fulgem nas casulas e frontais,
Mas sobretudo o que a deslumbra mais,

Numa impressão de espanto e de grandeza,
É a custódia de oiro, ao alto, acesa

No trono, em pedrarias de mil cores,
Circundada de luzes e de flores!



Benvinda então, num sonho, olhando abstracta
O vaivém dos turíbulos de prata,

Dos quais o incenso em flocos dissolventes
Consola os tristes e regala os crentes,

Subindo e desfazendo-se nas naves...
Ouvindo absorta as litanias graves

Que a igreja, ao som dos órgãos doloridos,
Transborda aflita em queixas e gemidos,

Então, Benvinda sente-se — que encanto! —
Subir, envolta num aéreo manto,

Fulgente de astros, pelo espaço fora
E entrando as portas da perpétua aurora,

Ave do céu tranquila que esvoaça
No infinito esplendor, cheia de graça,

Escuta Deus, numa ternura infinda,
A dizer-lhe: — que tu sejas bem-vinda!

III

Benvinda está doente, a arder em febre,
Ao fundo do tristíssimo casebre,

No seu leito de virgem, branco e estreito;
Entrou-lhe a tísica voraz no peito

E o seu rosto demuda-se, à medida
Que nos pulmões lhe vai sugando a vida.

Na limpidez das faces cavernosas
Estua o sangue a desfazer-se em rosas.

O olhar aceso e húmido está fixo
Quase sempre num grande crucifixo,

Que os dois braços pacíficos descerra,
Como asas prontas a voar da terra.

Vem desde a noite fria do Natal,
Lembra-se muito bem, todo o seu mal.

Ouvira missa e a igreja estava quente
Das muitas luzes e da muita gente.

Quando subiu à torre, o luar enchia
A terra e o céu, como se fosse dia.

Julgou ver a boiar toda a cidade
Num oceano sem fim de claridade.

Em baixo, faiscavam como jóias
Os lagos dos jardins e as clarabóias;

Aqui e além, recantos e arvoredos
Sugestionavam trágicos segredos,

Assim como agonias e tormentos,
Ao longe, a massa negra dos conventos.

Lembra-se muito bem. Ficou-se a olhar
Todo o esplendor daquele imenso mar,

Largando a rédea solta à fantasia
Que, por mundos ignotos, se perdia.



Depois desse imprudente desvario,
Entrou em casa a tiritar com frio.

A seguir veio a febre, veio a tosse,
E a primeira hemoptise. Tomou posse

Do seu corpo esse mal que a não ilude;
Nunca mais teve uma hora de saúde.

Dia e noite, é o pai quem trata dela,
Numa angústia que aos poucos o esfacela.

Finge-se alegre, anima-a, a ver se a engana,
Num tormento que esgota a força humana.

Benvinda, a cada novas hemoptises,
Sente um estalar de fibras e raízes,

Que a vai, planta enfermiga, libertando
Da terra vil, do mundo miserando.

E olhos postos no pai, que a fita absorto,
Com a expressão e a palidez dum morto,

Pensa: — Também está perto do seu fim...
Talvez que Deus o chame antes de mim! —



Toda a gente conhece na cidade
Aquele dor e aquela enfermidade,

E avalia do estado da doente
Pelo tocar dos sinos: docemente,

Quase em segredo, se ela sofre mais,
Morrem no ar sereno queixas e ais,

Dum tão dorido e fundo desalento,
Dum choro tal, tão soluçado e lento,

Que, quem os ouve e entende aquela mágoa,
Murmura, erguendo os olhos rasos de água:

— A filha do sineiro está pior... —
Mas se os sinos repicam com vigor

E soam pelo espaço, algrementemente,
Em vibrações nervosas, toda a gente

Diz, ao ouvir o toque prazenteiro:
— Está melhor a filha do sineiro! —



Decorre o mês de Abril. Cansada às vezes
De tanto padecer, vai em três meses,

Ergue-se, e, como o tempo está seguro,
Sai ao terraço, onde respira o ar puro

Dos campos. É o velho quem a ampara.
E ao emergir na luz doirada e clara

Da Primavera, o ânimo parece
Que volta a rir no lindo sol que a aquece.

E a flor dos lábios secos lhe alumia
Numa vaga e recôndita alegria.

Tudo quer ver. É bela a natureza!
Grandes mares de trigo — que riqueza! —

Dum verde forte, ao longe limitados
Pela mancha sinuosa dos montados.

Serras de Portugal, serras de Espanha,
Na confusão do vago azul que as banha,

Surgem na linha extrema do horizonte.
Mais aquém, num cabeço, alveja um «monte».

Avultam na expansiva alacridade
Velhos conventos fora da cidade,

Hortas frescas, pomares florescentes...
Mas há nada mais triste que os doentes!

Quando se sente arrebatada e presa
À vida universal da natureza,

Quase esquecida do seu mal precoce,
Quase alegre e feliz, volta-lhe a tosse,

Voltam-lhe os desalentos e os cansaços,
E o velho tem de a transportar nos braços,

Para a cama, num último quebranto,
Banhada em sangue e sufocada em pranto.

IV

Benvinda, em Quinta-Feira da Ascensão,
Confessou-se, tomou a comunhão

Que o coadjutor da Sé, piedosamente,
Lhe ministrou. Sentiu-se mais doente,

Viu a morte, e não quis que ela a levasse
Sem que o sangue de Deus purificasse

A sua alma infeliz de pecadora.
A febre que a requeima e lhe devora

Os últimos resquícios da existência,
Lutou com ela e, finalmente, vence-a

Numa luta cruel e desigual.
É pavorosa a lucidez mental

De quem conhece os últimos instantes:
Sonhos mortos, ideais agonizantes,

Uma pena de tudo, uma saudade
Da alegria, do amor, da mocidade,

E a apagar-se, na escuridão que avança,
O último olhar e a derradeira esperança.

Logo a seguir à comunhão, Benvinda,
O ouvido atento e a vista clara ainda,

Num desalento horrível que a extenua,
Sente passar, cantando, pela rua,

De volta das searas, raparigas
Com molhos de papoilas e de espigas,

— Os símbolos do amor e da abundância. —
As vozes delas perdem-se à distância,

Na doçura da tarde que esmorece.
Tudo em volta se expande e resplandece,

Na pujança da vida e da saúde.
O próprio chão, quer Deus que se transmude

Nos matizes da alfombra apetecida.
A Primavera é a saúde e a vida.

E ela tão moça a desfazer-se em nada...
É realmente muito desgraçada!

Não há força que a arranque ao seu destino.
Vai morrer. O céu amplo e cristalino

Escutará os rogos e os lamentos
Da sua alma, nos últimos momentos?

E, no estertor que pouco a pouco a invade,
Fitou, cheia de angústia e de saudade,

O pai, que finge uma expressão tranquila
E vendo o triste ser que se aniquila

De joelhos, a rezar junto do leito,
Sem uma queixa a transbordar do peito,

Sem uma lágrima a brotar dos olhos,
Pensa nas tempestades, nos escolhos

Desse oceano de dor tão represado,
Na desgrça daquele desgrçado,

Vivo, mas já mais morto do que vivo,
A sofrer, a penar sem linitivo,

Sem ter ninguém que o ame e possa erguê-lo
Do horror desse aflitivo pesadelo...

E olhando-o, a voz transida de amargura,
Banhada em pranto, a agonizar, murmura:

— Pobre pai, tão doente e tão velhinho...
Eu vou deixá-lo e vai ficar sòzinho! —

★

É noite. À luz mortiça da candeia,
Que a um canto da mansarda bruxuleia,

Dando aspectos de vida e movimento
Às sombras pavorosas do aposento,

Quase a acabar, arqueja a moribunda,
Enregelada no suor que a inunda

E os cabelos lhe empasta, esses cabelos
Leves e fartos, que era um gosto vê-los

Em ondas de oiro esparsos pelas costas.
Tem os olhos fechados, as mãos postas

E em Deus o pensamento, que parece
Extinguir-se na derradeira prece.

Já mal respira. O velho, suspeitando
Que a filha morre, ergue-se cambaleando,

Vai buscar a candeia, chega-a ao rosto
Da moribunda, e ao vê-lo decomposto,

Numa expressão de morte, austera e calma,
Grita: — Benvinda, ai, filha da minha alma,

Tu morres, ouve, escuta o que te digo,
Espera um pouco e leva-me contigo! —

Benvinda não ouviu, não respondeu,
E, num ligeiro frémito, morreu.

V

Os nervos do sineiro então reagem:
Tomado duma súbita coragem,

Tragicamente silencioso, olhando
O corpito esburgado e miserando

Da filha morta, resolveu, tranquilo,
Pentear-lhe os cabelos e vesti-lo,

Como quando a levava pela mão
A tomar a primeira comunhão.

Tirou duma arca velha o corpo e a saia
Do vestidinho branco de cambraia,

E, todo ele inclinado sobre o leito,
Vestiu-lho com tal graça e com tal jeito,

Como se fosse a mãe que, com meiguice,
Para uma festa alegre lho vestisse.

E, vendo-lhe os cabelos empedrados,
Lá lhos desempeçou com mil cuidados,

Armando-lhos em rolos sobre a testa,
Como se fosse a rir para uma festa.



A madrugada não rompera ainda.
As rosas predilectas de Benvinda

Estão, longe da mão que as abandona,
Brancas e frias como a sua dona.

Quando o velho sineiro vai colhê-las,
Num céu de luto choram as estrelas.

Quebra o silêncio o ritmo pendular
Do relógio na torre, a soluçar...

Só ele, cujas mortas alegrias
Se afundam num mar alto de agonias,

Não lhe é dado chorar, achar conforto
Entre as dores e angústias do seu horto,

Que Deus não quer humedecer de pranto
Os seus olhos febris, cheios de espanto.

Então, como um sonâmbulo, caminha...
Pega num ramo e numa almofadinha,

E os braços estendendo com cuidado,
Aperta ao peito o corpo inteiriçado,

Cuja cabeça, sem causar-lhe assombro,
Lhe roçou docemente pelo ombro.

Desce depois a escada, devagar...
Parece que tem medo de a acordar.

E, no percurso da espiral comprida,
Julga talvez que a leva adormecida.

★

Na igreja, em baixo, corta as trevas densas
A frouxa luz das lâmpadas suspensas.

Por detrás da rosácea que descora,
Mal se adivinha o despontar da aurora.

Na penumbra dos nichos recatados,
Pendem da cruz aspectos resignados,

E há, entre o alvor simbólico dos lírios,
Gestos de dor, visagens de martírios

De atormentadas virgens suplicantes,
Erguendo os olhos para os céus distantes.

Ao depor o cadáver na capela
Da Virgem Mãe, que foi madrinha dela,

Sobre o tapete, carinhosamente,
Temendo, como quando estava doente,

Que a molestasse um movimento brusco,
Foi através do incerto lusco-fusco

Buscar a tumba e erguê-la sobre o estrado,
Entre quatro brandões de cada lado.

Quando a meteu no esquite, pôs-lhe à pressa
A almofada debaixo da cabeça.

Nas mãos de cera, finas e mimosas,
Postas em cruz, intercalou-lhe as rosas.

E ajeitando-lhe as dobras do vestido,
Num êxtase, fitou, enternecido,

Docemente inclinado sobre o peito,
O rostinho da morta, alvo e desfeito,

Que o oiro dos cabelos lhe circunda.
Depois, numa explosão de dor mais funda,

O corpo em febre, a alma desvairada,
Numa vertigem doida, galga a escada,

Entra na torre, e em ímpetos convulsos
Atou as cordas fortemente aos pulsos,

E com tal força as repuxou, que os sinos
Estrugiram nos ares cristalinos

Da madrugada, silenciosa e fria.
Acorda toda a gente que dormia,

E ouvindo um tal fracasso pelos ares,
Pensou que os grandes bronzes seculares,

Tocados por um doido, brutalmente,
Rompidas as amarras, de repente,

Se houvessem despenhado na calçada...
Mas em seguida não se ouviu mais nada.
.....
.....

Encontraram depois o velho morto,
Estendido de costas, como absorto,

Olhos pasmados para o sol distante,
Que lhe alumia o trágico semblante,

Todo banhado em sangue e as mãos crispadas
Inda presas às cordas retesadas,

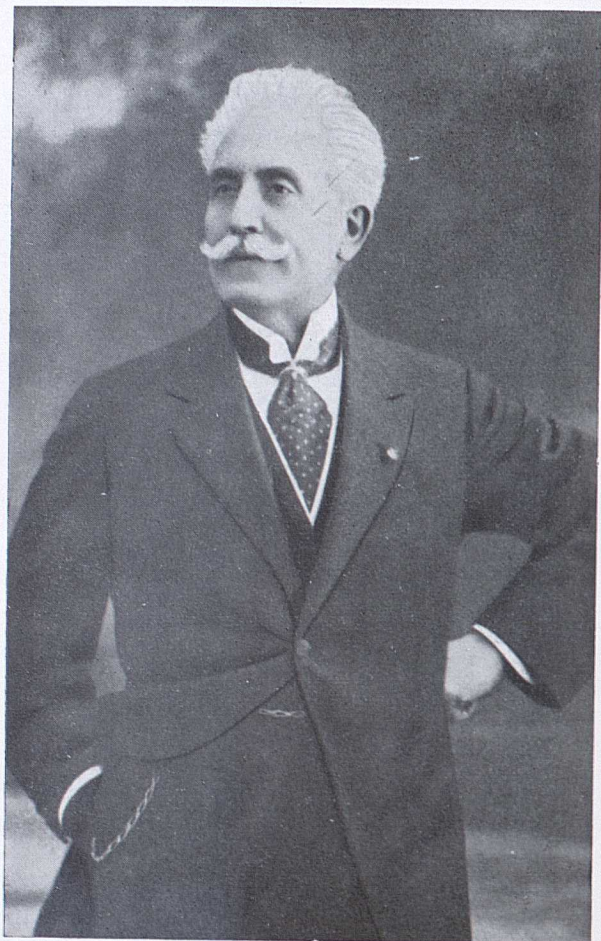
Numa estranha e fantástica expressão...
Tinha-lhe rebentado o coração!





University of California, Berkeley

1900
1900
1900
1900



O CONDE DE MONSARAZ

Sócio da Academia Brasileira de Letras quando
escreveu a «Lira de Outono»

1910-1912

LIRA DE OUTONO



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637

POEMAS DO ALENTEJO

ABERTURA

Estes versos sem cor e sem frescura, fi-los
Ao sol-posto, ao clarão dos poentes tranquilos,
À vaga meia-luz dos meus dias de Outono...
A vida, a declinar na paz do eterno sono,
Volve, de quando em quando, o olhar vago e morto
À pujança, ao esplendor da terra em pleno viço
Que, na fermentação das seivas irrequietas,
O céu lhe povoou de aves e borboletas!
Volve os olhos atrás, a tudo o que ela dantes
Viveu e amou... Então dos páramos distantes
Da alma, erguendo o voo através da neblina
Dum sonho que se esvai, dum astro que declina,
Duendes em turbilhão, evocados num grito
De amor e de saudade, emergem do Infinito...

... ..

MEU PAI

Percorro a casa toda em alvoroço,
Ando por toda a parte, a ver se os vejo...
Ninguém! apenas em minha alma os posso
Lobrigar aos clarões do meu desejo.

Passam hirtos, num lúgubre cortejo,
Os velhos que eu ameí quando era moço:
Fantasma de meu Pai, lançai-me um vosso
Olhar e o amor e a paz dum vosso beijo.

Parai. Parou. Fita-me: é ele, é ele;
Santo! Não me apavora, nem repele;
Chora, a cabeça branca estremeceu...

Corro, corre... abro os braços, abre os braços...
O espelho, ao fundo, é que reflecte os traços
Dum velho triste que, ai de mim, sou eu!

MINHA MÃE

No vetusto jardim que eu tanto amava
Há recantos de luto e de abandono;
Uma alma, errante e lívida, de Outono
Passa entre os troncos nus e a erva brava.

O alto e grácil repuxo que cantava
Secou, dorme no lago o eterno sono
E a mata, erguida em sobranceiro entono,
Inclina os ramos para a terra escrava!

Quedam no chão os mármorees partidos;
Mas, quando sopra o vento, ais e gemidos
Cortam de dor o espaço e, ouvindo-os, tento,

Numa angustiosa contracção de nervos,
Destriçar-vos, ouvir-vos e entender-vos,
Ó voz de minha Mãe, na voz do vento!

REGUENGOS

Inverno, manhã cedo. A luz que banha
A paisagem é gélida e cinzenta;
A vaga pompa do cenário ostenta,
Ao largo, as serras húmidas de Espanha.

Hortas, vinhedos e a carcaça estranha
De Monsaraz, numa ascensão violenta;
A erva tenrinha os gados apascenta,
Que em tons de bronze a terra desentranha.

E eu olho essa paisagem dolorida,
Testemunha que foi da minha vida,
Povoada agora de visões errantes...

Eu olho-a e dentro da minha alma afago-a,
Que os seus olhos longínquos, rasos de água,
São hoje os mesmos que me olhavam dantes.

POENTES DE INVERNO

Quando a brasa do Sol, ao fim da tarde,
Mergulha atrás dos montes lentamente,
Tudo parece que se inflama e arde,
Febril, na rubra irradiação do poente.

Frouxos os nervos, o ânimo cobarde,
Como num sonho que esmorece, a gente
Fica-se a olhar o Sol, ao fim da tarde
Té que a tristeza em lágrimas rebente.

Tristezas, lágrimas! Meu Deus, quem há-de,
Quando ao longe se pôs, da mocidade,
O Sol que nos doirava a alma e o rosto,

Olhar sem mágoa os trágicos poentes...
Porque choras, velhice? — É porque sentes
Que não volta a nascer o teu sol-posto!

O CAVADOR

Sol-posto. Enxada ao ombro, para a aldeia,
Volta da cava, taciturno e lento,
O velho cavador. No espaço anseia
Uma angústia febril, na ânsia do vento...

Vem morto de fadiga e sofrimento;
Cai na vasta paisagem que o rodeia
Frio e noite; vão dar-lhe paz e alento
A mulher andrajosa e a magra ceia:

Comem ambos agora ao pé do lume...
Toda a sua ventura se resume
Na comunhão dessa hora benfazeja.

A mulher, finda a ceia, num conforto,
«Louvado seja Deus!», murmura, e, absorto,
Responde o cavador: «Louvado seja!»

O SEMEADOR

Robusto semeador, quando semeias
O ventre maternal da terra, quando
A vais, de leira em leira, polvilhando
Do farto grão que espalhas às mancheias,

O sangue que circula em tuas veias
É a força ancestral do miserando
Servo da gleba, ó semeador, semeando
A paz, fecunda e livre, por que anseias.

Há séculos de fomes e canseiras
Que só colhes, das rudes sementeiras,
Despotismos e guerras pelo mundo...

E tu, na auréola de oiro que irradias,
Quanto mais sofres, tanto mais confias
No teu gesto pluvioso, amplo e fecundo!

ARVÉLOAS

Pelas terras lavradas
Vão saltando, debicando
As arvêloas luzidias.

E é mesmo uma graça quando,
Tocadas dum raio de sol,
Se erguem dos regos arfando,
Pedindo ao sol que as console...

Alegres, vibráteis, elas
Têm nas pontiagudas asas
Um corte airoso de velas.

E pelas campinas rasas,
Passinho leve, olho esperto,
Como a andar num chão de brasas,
Às horas da lavra, é certo

Vê-las dos sulcos rasgados
Voar e poisar depois,
Ou na espinha dos arados,

Ou nos chavelhos dos bois,
Que impassíveis nem dão tento,
A caminhar dois a dois
Num passo pesado e lento.

Que destino tão diverso
Vêm cumprindo as criaturas
Esparsas pelo universo:

Sofrem os bois as mais duras
Canseiras todos os dias,
Entre as joviais travessuras
Das arvêloas reinadias.

No entanto eu gosto de vê-las
Quando o sol as várzeas doira,
Dando alegria às courelas,

Palpitações à lavoiria
E enchendo de asas e trilos
Os largos campos tranquilos.

S. JOÃO

Raparigas que bailam nas fogueiras
Da noite de S. João,
Permita Deus, S. João, que tu as queiras,
Loiras, trigueiras,
Como elas são,
Inda antes do S. João do ano que vem,
Ai, que tu queiras
Casá-las bem!

Andam, coitadas, numa roda-viva,
Olhos em brasa, corações em fogo,
Nos braços do demónio que as cativa,
As beija agora e as abandona logo;
Eu pois te rogo
Que as raparigas,
Fiadas nas cantigas dos rapazes,
As não deixes levar só por cantigas,
S. João, e as cases.

S. João, se as não casares, que desgraça!

Que há-de ser delas?

Pergunta à Lua, indaga das estrelas

O olhar que as queima e a voz que as despedaça.

Lá vão em bando

Rindo e cantando,

Lá vão aos pares...

Que desgraça, S. João se as não casares!

Com vinho forte as almas embriagas

Por esses mastros

De rua em rua,

Mas o demo anda à solta e roga pragas...

É preciso evitar que à luz dos astros,

Beijando a carne em flor, as prostitua.

Olha, lá vão...

Não as deixes, por Deus, que as cresta a Lua,

Casa-as, S. João!

A LAVRADORA DO FREIXO

I

A Lavradora do Freixo
Vai à missa a Santo-Aleixo;

Vai num vistoso churrião,
Pintalgado até mais não.

Leva à «putrica» atrelados
Os dois machos mais cotados,

Mais possantes e maiores
Que há naqueles arredores.

Ela e as suas criadas
Vão todas endomingadas.

De mantilha, a Lavradora,
Muito branca e muito loura,

Ostenta no arfar das sedas
Um cordão de cem moedas;

Nas orelhas pequeninas
Pingentes de pedras finas;

E nas mãos, coisa estupenda!
Dentre os mitenes de renda,

Espreitam, fulgem olhares
De diamantes seculares.

À morte da Mãe, ela era
Um gomo de Primavera!

E assim formosa e ricaça,
Tanta saúde, tal graça,

E fama na freguesia
De que o Pai lhe entregaria,

Em papéis, terras e gados,
De dote cem mil cruzados,

Trazia as almas acesas
Num delírio de grandezas;

E os moços a toda a hora,
Em volta da Lavradora,

Impando, qual mais podia,
De embófia e tafularia!

No tilintar das guizeiras,
Pelas estradas soalheiras,

Dizem os machos a trote:
«Cem mil cruzados de dote!»

E quando no adro se apeia
Têm todos a mesma ideia,

Olhando-a, embasbacados:
«De dote cem mil cruzados!»

A ponto que ela, passando
E as sedas rangendo e arfando,

Entre o Povo que enche a Igreja,
Ouve dizer, salvo seja,

Em voz baixa e mercantil:
«Quantos cruzados?» — «Cem mil!»

É um assalto, mas ela,
Nem olha, nem lhes dá trela.

Só pensa, durante a missa,
Num cuja carne cobiça:

O Pastor desempenado,
Que à tardinha, atrás do gado,

Passa, robusto e moreno,
Simples como um nazareno;

Que a olha, humilde, e lhe ateia
O sangue, de veia em veia;

E, ao rubor do sol poente,
A saúda cristãmente,

Num paganismo que a inflama:
«Deus a guarde, Senhora Ama».

II

A Lavradora do Freixo
Já não vai a Santo-Aleixo:

Perdeu a cor, anda triste,
E todo o seu mal consiste

Na recôndita amargura,
Que a vai minando e a tortura;

Nesse amor, ardente e louco,
Que a consome pouco a pouco...

Ninguém o sabe, ninguém —
Não tem Irmãos, não tem Mãe,

E o Pai, se o soubesse um dia,
Santo Deus, o que haveria!

Toda a tarde anda no ar,
À espera de o ver passar;

E, na volta dos trabalhos,
Quando ouve ao longe os chocalhos.

E os balidos das ovelhas,
Corre, vai, faces vermelhas,

Olhos a arder, à janela,
Num tremor que as mãos lhe gela,

Que a perturba e que a domina,
— Seu fadário e sua sina —

E hirta, ali fica aguardando
O doce momento, quando

O Pastor, alto e moreno,
Corresponda ao seu aceno.

III

Aproxima-se o rebanho...
Sol posto. Que quadro estranho!

Na tarde, quieta e florida,
Tudo ao repouso convida;

O aroma irradia, esparso
Das seivas em fins de Março;

Sob os montados de azinho,
Cantam rolas de mansinho;

Corre um hálito que cheira
A hortelã e erva cidreira —

Vem da horta, onde, às centenas,
Turíbulos de açucenas

Perfumam o ar e, tranquilos,
Rindo, conversam os grilos;

Perfilam-se ao longe as faias
E as brancas, leves cambraias

Das macieiras em flor,
Como um bando encantador

De raparigas, que vão
À primeira comunhão...

Passa o rebanho e atrás dele,
Gibão e ceifões de pele,

Cinta vermelha, cajado,
Vai o Pastor adorado!

E erguendo os olhos a medo,
Tão longe do seu segredo,

Humilde e risonho, exclama:
«Deus a guarde, Senhora Ama».

IV

Uma noite a Lavradora,
Pálida e histérica, chora

No seu leito de solteira.
E então, pela vez primeira,

O Inferno a arder dentro d'Alma,
Ao ver que nada lho acalma,

Nem pudor, nem religião,
Ergue-se, veste-se e não,

Não resiste à ideia insana
De ir ter com ele à cabana;

De lhe incendiar os desejos
Com labaredas de beijos,

E dizer-lhe, enlanguescida:
«Dou-te o corpo, dou-te a vida,

Porquê, flor curvada na haste,
Me enlouqueceste e embruxaste!»

E foi... e, até de manhã,
Noite de núpcias pagã!

V

Andam no monte os criados
Aflitos e alvoroçados;

De casa em casa reboa:
«Fugiu de noite a Patroa».

«Com quem?» E as criadas velhas:
«Com o Pastor das ovelhas!»

O Pai, ouvindo-as em ira,
Ruge, vermelho: «É mentira...»

E, cambaleando, asfixiado,
Cai de bruços no sobrado,

Num frouxo de apoplexia...
Dias depois desse dia,

Muito à capucha, casava
O Senhor e a sua escrava.

Conceito e máxima eterna:
A carne é quem nos governa!

E por isso, em Santo-Aleixo,
A Lavradora do Freixo,

Numa loucura de amor,
Casou com o seu Pastor!

E quem goza a dinheirama
E os encantos da sua Ama,

Sem que os outros atropele,
Não são os outros, é ele!

RITMOS DO CAMPO

Quando ao lavrador convenha,
Começa a ordenha;
E as crias ficam presas nos currais,
Que é um tormento ouvi-las,
Pelas manhãs tranquilas,
Separadas das mães, aos ais, aos ais...

E as mães, de cujos úberes inflados
Repuxa para os ferrados
O leite criador,
Punge-as um dardo, uma profunda dor;
A dor que as mães consome
Ouvindo os filhos a gritar com fome.

E os mugidos
Compungidos
Imploram de cerro em cerro,
Que ao longe nunca se aplaca
A dor materna da vaca
A chorar pelo bezerro.

LAVADEIRAS

Lavam no claro rio, entre balceiras,
Ranchos de lavadeiras;
No rio em cujas águas, loiro e esparso,
Faísca o sol de Março
Numa alegria rústica e pagã.

Oito horas da manhã.
Sopra uma leve aragem,
Que ondula e que estremece na paisagem
E em torno dá palpitações de vida
À roupa nas ramadas estendida;

Às hastes melindrosas,
Florindo e rindo em borbotões de rosas;
A tudo o que no ambiente
Se lança e se balança docemente;

E pela margem fora as lavadeiras,
Velhas e novas, loiras e trigueiras,
Na faina que as não poupa
Lavam, batem a roupa:

Braços nus, pernas nuas, ancas largas,
Num retoçar de peitos e de ilhargas,
Ensaboando, esfregando,
Rubras de sol, curvadas e cantando,
Meneia-se cada uma
Entre flocos de espuma.

... ..

MENDIGOS

Mendigos que andais a monte,
Tudo o que os ricos vos dão
Deus lho receba e desconte
Para a sua salvação.

De porta em porta pedindo
Se ninguém nada vos deu,
De porta em porta ireis indo
Até às portas do Céu.

Que a vida por maus caminhos
É um soluço, é um ai...
Depois vereis, pobrezinhos,
A fartura que lá vai.

Basta que o Céu vos acoite,
Logo que Deus vos sorria,
Vereis a perpétua noite
Mudada no eterno dia.

RECORDAÇÕES

Dias e noites da minha aldeia,
Noite de lua, dias de sol;
Mares de trigo que o vento ondeia,
Ingénuo rio que o mar engole.

Velhas charnecas de azinho e esteva,
Turbuladas de rosmaninho,
Onde altas horas ninguém se atreva,
Que as bruxas andam pelo caminho.

Montes e vales, rochas fragueiras,
Hortas, vinhedos, noras cantantes,
Medas de palha junto das eiras,
Onde em pequeno brincava dantes.

Maltês sem rumo, quero trabalho;
Eis-me no alpendre: «Bom lavrador,
Chove água a potes, dá-me agasalho,
Quem bem semeia colhe melhor.

Ando no mundo desamparado,
Foi para isto que ao mundo vim;
Tens muito trigo?... toma cuidado,
Se queres tê-lo, tem dó de mim!»

... ..

VERSOS DISPERSOS

(SÉCULO XX)

No ingénuo burgo da minha alma entraste:
 «Que queres?» — perguntei. — «Eu quero abrigo».
 Sejas bem-vinda, ó tu que assim falaste
 E que a paz do Senhor seja contigo.

BUCÓLICA IMAGEM

Eu passo às vezes, distraído, olhando
No céu os astros e no campo as flores,
Das flores e dos astros arrancando,
 Ébrio de luz e cores,
Tintas virgens e puras, com as quais
 Te vou no pensamento
Pintando o rosto e as formas virginais!

Se por acaso alguma vez me viste,
Pensaste: «Santo Deus, como vai triste!»
Mal tu sabes que tardes tão formosas
 E que noites tão belas
Me dão o gozo requintado, a arte
 De conseguir pintar-te,
Sem nada mais que estrelas e que rosas,
Um retrato de rosas e de estrelas!

MAL SEM REMÉDIO

Ouvindo um improviso de Schubert

I

Não tens remédio, não!
É funda e negra a tua dor, tão negra
Que o fundo mal lhe vês;
O sol, que os outros corações alegra,
No teu apaga o último clarão
Numa nuvem de lágrimas que são,
Nesse rosto de monja torturada,
O segredo da tua palidez!

És muito desgraçada!
Que o diga quem souber
A tragédia da tua desventura;
Que o diga quem te viu, frágil mulher,
Viúva desolada,
Como um espectro seguir, hirta e calada,
O teu único filho à sepultura!

O teu filho, a tua alma, a vida inteira,
A esperança derradeira,
Desfeita nos mais rudes desenganos,
Ele, que era uma flor, morto aos vinte anos!

Ai, Mater Dolorosa!
A tua imensa dor não tem conforto...
Neste vale de lágrimas, em vão
Hás-de regar de lágrimas o chão
Que cobre e te apodrece o filho morto:
Não tens remédio, não!

II

Numa tarde de Outono
Contaste-me, num choro, a tua mágoa,
Descreveste-me o árido abandono
Do teu jardim sem flores e sem água:
O chão sem relva, estéreis os canteiros,
Mirrados os rosais e os jasmineiros,
As estátuas de mármore partidas
E o sol mortigo a agonizar ao fundo,
Lançando um triste olhar de moribundo
Às árvores despidas.

Procurei consolar-te: A Primavera
Voltará novamente,
E hás-de ver como a seiva retempera
Teu coração doente...

Tu hás-de ouvir de novo nas ramadas
Do teu jardim os pássaros cantando,
E o sol de Maio, em chispas, esmaltando
Relvas novas e águas renovadas;
Teu rosto miserando
Há-de sorrir, há-de voltar-lhe a cor
De novas alvoradas,
Rubras dum novo amor...
Ai! tem esperança, tem fé...

Mas tu, caídos
Os braços num pesado desalento,
Negros os olhos, negros os vestidos,
E negro o pensamento,
Rompeste no teu choro estrangulado
De soluços e ais,
Pensando nesse filho inanimado
Que não voltará mais!

Que não voltará mais! e tu jamais
Terás consolação,
Que um oceano de lágrimas te inunda
O aflito, o trespassado coração...
Ó dor, das fundas dores a mais funda,
Não tens remédio, não!

EXCERTOS

I

O tempo é menos agreste,
Chegaram as andorinhas...
Só tu é que não vieste
Como antigamente vinhas,
Os olhos plenos de estrelas,
As mãos ungidas de graça,
Ave entre flores que passa
Cantando e rindo com elas...

Sonha, deixa-me sonhar...
Rédea larga à fantasia,
A galopar pelo ar.
Tua alma vive na minha
E a minha já não podia
Neste mundo respirar,
De tantas mágoas que tinha
Sem as poder consolar.

Ambas por essas alturas
Deixá-las ir, que ambas elas,
Fartas de andar às escuras,
Sedentas de claridade,
Bebem a luz das estrelas
Que as penetra e que as invade.

II

Sim! Sim! eu quero que o teu
Coração, como uma flor,
Abra a corola vermelha
De acres perfumes e que eu,
Mais febril do que uma abelha
Nas horas quentes do Verão,
Estanque a sede de amor
Que trago no coração!

Mas eu, triste visionário,
Que te vejo a toda a hora,
Julgo-te a cruz redentora
Erguida no meu calvário:

Ando assim como suspenso,
Desse olhar na luz suave,
E não há estrela nem ave,
E não há sol nem há flor

Como tu és... Até penso,
Neste doido devaneio,
Que o coração me está cheio
De harmonias e esplendor!

É sonho? Pois que o seja. Oh, não te apagues, sonho,
Ai, deixa-me sonhar...
Lá estou eu, lá está ela; eu durmo e ela supponho
Que me embala a cantar.
E canta! Oíço-lhe a voz, monótona, arrastada
Como as águas do mar.
Mãe que canta ao seu filho e o adormece, nada
Se lhe pode igualar...
E vejo-a: lá está ela ao pé do berço, e sinto
Que me vai embalar!

III

DÚVIDA

Se uma aparência calma
Oculta mil reveses,
E o rosto é muitas vezes
A máscara da alma,

Tu não serás o raio
Das minhas nuvens negras?

Serás o sol de Maio
Que o meu Novembro alegras?

Minha alma, ao ver-te, goza;
Pareces venturosa,
És simples, casta e boa...

Mas não me ocultas nada?...
Ó minha doce amada,
Sossega-me e perdoa!

IV

ANTE UM QUADRO

— de Bourguereau —

A mãe que o filho perdeu,
A paz só pode encontrá-la,
Não na terra, mas no Céu:
Pomba feliz que se ergueu
Nos ares e que uma bala
O coração lhe rompeu,
Melhor será Deus levá-la,
Que a paz só pode encontrá-la,
Não na terra, mas no Céu!

V

ÍNTIMAS MÁGOAS

Só vós me entendereis, só vós, almas errantes,
Que sofreis e penais;
Almas negras de dor, fantasmas vacilantes,
Num rude turbilhão de lágrimas e ais!
Que os felizes que vão, em pleno sol, risinhos,
Vogando em plena luz, boiando à flor dos sonhos,
Passarão sem me ver a bracejar aflito,
No horror, na confusão dum báratro maldito;
Passará sem me ver o Amor, rindo e cantando,
Sem me ver, ai de mim! na treva agonizando!...

VI

INFELIZES

São bem-aventurados os que choram!
Sofreis muito; mas, ai!
Ó tristes corações despedaçados,
Se acaso inda podeis chorar, chorai
E vós sereis consolados.

Que a dor sem tréguas estrangula apenas
Os que sem luz nem ar,
Numa asfixia horrível, hora a hora,
Sentem crescer o pranto que os devora
Sem poderem chorar!...

IMPROVISOS

I

MORTE REDENTORA

Poeta! Alma que em sonhos desabrocha,
Ou coração que se desfaz em prantos,
Chora e pena, infeliz, que é teu destino,
Caminho do calvário, onde, entre as fragas
E as urzes amaríssimas, se eleva
A cruz das mais acerbos agonias.

Canta! Canta, ergue a voz triste e dorida
Às estrelas chorosas que te escutam,
Palpitantes de amor na escuridão,
Como se fossem, pelo espaço fora,
Olhos de querubins, cheios de pranto,
Sofrendo alguma dor desconhecida,
Pungidos de ignoradas amarguras!

Ó Poeta, abre as asas impolutas
E corta o azul sereno em revoadas
Doutras almas iguais na dor à tua;
Revoadas de amargura, inflando as nuvens,
De agudos ais apunhalando os ventos,
De amor enchendo os páramos infindos
E de paixões convulsas acordando
Em súplicas os ecos do Infinito!...

O amor que cantas, imortal, ascende
Da tua alma entreaberta, como o aroma
Que das bocas dos lírios se ergue, quando
O sol ardente em beijos as fecunda
E vai, espaço em fora, docemente
No céu beijar os corações das virgens.
Se o teu amor é puro e imaculado,
Alguma coisa em ti há de divino
E o que é divino à terra não pertence;
Volve ao Céu, que do Céu baixou à terra,
Nalgum olhar amplíssimo de Deus,
Repassado de mística piedade.

Poetas, que andais perdidos na charneca
Das desgraças, no mar das desventuras,
E cujos corações desamparados
Nem um raio de luz, coado em risos,
Jamais aquece e dulcifica!

Poetas,
Que não sois deste mundo e que em soluços
A outros mundos ignotos aspirais,
Deus vos envie a morte e vos liberte
Deste inferno da vida... e no regaço
Dos anjos, que nos céus habitam, possa
Esconder para sempre e agasalhar
Vossas tímidas almas, que as esferas,
Num concerto de vastas harmonias,
Façam vibrar por toda a eternidade.

II

MISERERE

Ai, povo português, que entre os mais povos
Foste heróico, e sublime, e egrégio outrora,
Quando entre o batalhar das raças fortes,
Da guerra entre o rugir das tempestades,
Peito a peito lutando, braço a braço,
O olhar em fogo e os lábios espumantes,
Erguias o estandarte vitorioso
Na negra dentadura das muralhas
E fazias flutuar as santas quinas
No espaço azul das glórias que não morrem.

Ai, povo português, povo maldito,
De sangue envenenado, que circula
Nas veias duma raça decadente,
Que de sonhos esplêndidos desperto,
Acordado no charco onde apodrece
A carne vil dos povos condenados,
Embalde tentas, num impotente esforço,
Ser digno dos avós que te ilustraram
E que da escuridão da morte fitam
O duro olhar na tua decadência.

Ai, povo português, que choras, gemes
E soluças na dor que fibra a fibra
Convulsiona o teu ser abastardado.
Ao Céu erguendo os olhos rasos de água,
Imploras, desgraçado, o sangue novo,
A alma nova, que, insuflada em estos
De arrojo e de bravura, revigore
Em ti o teu passado deslumbrante;
A força dos teus músculos de ferro,
A viva fé que enchia os olhos castos
Dos velhos Portugueses que lutaram
Sobre o oceano e nos campos de batalha,
Onde com sangue e lágrimas teceram
Os versos de oiro, as rimas retumbantes
Das tuas epopeias imortais.

Ai, povo português, que Deus te salve
E, se puder, que os nossos peitos encha
Dessa luz, dessa fé consoladora,
Que as nuvens do futuro dissipando,
Entre de vez no mundo das estrelas...
Luz que ilumine as páginas da História
E vá com estrelas escrever os feitos,
Exaltar tantos rasgos de bravura,
Que entre os povos da terra o mundo espantam!

Raça de heróis, que Deus se compadeça
De ti e te resgate a Providência.

NO MAR

Mar convulso que me escutas,
Eu quero, quando morrer,
Que me escondas em qualquer
Das tuas profundas grutas...

Ali, na paz infinita
Dos teus abismos, ó mar,
Dormirei à luz do luar
Que em tuas ondas palpita.

Não terei aves nem rosas
Sobre a minha sepultura...
Antes quero a noite escura
Das algas silenciosas,

E os responsórios finais,
Entre nevoeiros errantes,
No choro dos navegantes,
Na ânsia dos temporais!

E se da morte nas brumas
A viração me trouxe
Teu alvo corpo, mulher,
Num berço feito de espumas,

Farás na eterna guarida,
Eternamente ao meu lado,
Feliz o poeta que em vida
Tornaste tão desgraçado!

SÚPLICA

O amor da humanidade
Nasceu contigo, Jesus,
Contigo viveu sofrendo,
Contigo morreu na Cruz.

São sempre os homens diversos
Por mais que tu os iguales,
E a fome, o frio, a miséria,
Erram por montes e vales.

Há lutas sangrentas, fervem
Em cada peito as paixões,
Que perturbam as consciências
E rasgam os corações.

Acesas filosofias
Travam-se em ódios mesquinhos:
Tem cada vida um calvário
E uma coroa de espinhos.

E nos destinos errantes
Sucedese, dia a dia,
A noite da desventura
Ao sol-posto da alegria.

Bom Jesus, volta de novo
À terra donde partiste,
Em que há dores tão pungentes
E a vida humana é tão triste!

Volta, ergue as almas ao sonho
Que a tua moral encerra:
— A glória a Deus nas alturas,
E a paz aos homens na terra.

VENTO NORTE

Ó vento, não ralhes tanto,
Que assustas, entre o arvoredos,
As aves mudas de espanto
A palpitarem com medo.

Fogem de ouvir-te nos ares
As nuvens, sossega um pouco,
Que tu de tanto ralhares,
Vento do norte, estás rouco!

Sossega, é noite, bem vês
Que ela dorme e que eu bem-digo
O sono em que ela talvez
Esteja a sonhar comigo.

Sossega, vento do norte,
Vento do norte, sossega,
Que eu não quero ouvir a morte,
Enquanto a morte não chega.

E no teu choro profundo
Oíço em gemidos e ais,
As almas do outro mundo
Que vão e não voltam mais.

Sossega, não causes dano,
Tem pena dela e de mim,
Às rosas-de-todo-o-ano
Que riem no seu jardim.

Vento do norte, tu sentes
Que os cravos tremem com frio,
Tu vês as águas correntes
Encrespadinhas no rio,

Tu, nessa dura refrega,
Roubas a graça e o encanto
À natureza... Sossega,
Não grites, não ralhes tanto.

PARA A GUITARRA

Tudo o que há triste no mundo
Quisera que fosse meu,
Para ver se, tudo junto,
Era mais triste do que eu!

— à margem do Código Civil —

I

QUEIXAS

Vamos cantar em dueto
A história desta paixão:
Geme na tua guitarra,
Que eu choro no meu violão.

Foi meu amor, pobrezinho,
À tua porta bater,
Mas tu gritaste de dentro:
«Vá com Deus, não pode ser.»

Mais tarde, rico e orgulhoso,
À tua porta foi dar,
E tu disseste, sorrindo:
«Ora essa, pode entrar.»

Eu padeço se tu gozas
E gozo se tu padeces:
São contradições nervosas
Que tu há muito conheces.

As contas que tu me envias
De esmeraldas e turquesas,
São as tuas alegrias
E são as minhas tristezas.

Meu amor lançou raízes
No fundo do teu desprezo:
Por isso andamos no mundo,
Tu tão livre e eu tão preso!

Não há treva mais escura,
Nem noite mais desabrida
Do que a sombria amargura
Que pesa na minha vida.

Nesta agonia tremenda
Em que nós temos vivido,
Mulher, que Deus te defenda,
Que eu sou um homem perdido!

II

GRACEJOS

Menina que quer ser gente
E andar bonita e tãful,
Deve usar constantemente
Um lenço de barra azul.

As jóias são na mulher
Como o sal é na comida;
Mulher que não use jóias
É sempre desenxabida.

As virtudes mais as jóias
Têm valor porque são raras;
Dão-se de graça as virtudes,
Mas as jóias custam caras.

Dou-te ligas do Leitão
Com fivelas de valor;
Mas com uma condição:
Sou eu quem tas há-de pôr.

Foi teu amor o primeiro
Que o meu amor hospedou;
Mas — que grande caloteiro! —
Fugiu e não lhe pagou!

Não olhes assim, não olhes
Que não sou o teu amor;
Nunca fui como a figueira,
Que dá figos sem dar flor.

As minhas faltas, eu disse-as
Um dia ao teu coração,
E ele absolveu-me em carícias,
Terminada a confissão.

Eles alegres, eu triste,
Eu no inferno, eles no céu,
Mas foi a mim que tu viste
E quem tu amas sou eu!

III

DEVANEIOS

Ó moços da minha idade,
Que diria quem nos visse:
Rindo em vós a mocidade
E em mim chorando a velhice!

Não há visão mais humana,
Nem capricho mais real
Que um sonho de filigrana,
Tecido sobre um cristal.

Quem tem amores não dorme
E eu passo a vida acordado...
Sofro um mal, o mal enorme
De amar e não ser amado.

O amor rebenta das almas
E a flor do solo fecundo:
Duas coisas tão singelas
Que alastram por todo o mundo!

O que eu peço é coisa pouca,
O que eu peço não mo dão:
Só peço pão para a boca
E luz para o coração.

São roxos como violetas,
Que crescem pelo calvários,
Os corações dos poetas
E as almas dos visionários.

Os astros do sete-estrela
Dizem poetas que são
As sete espadas que à Virgem
Rasgaram o coração.

É o olhar de Deus, bem sabes,
O sol que nos alumia:
Deus fecha os olhos — é noite;
Deus abre os olhos — é dia.

IV

LAMENTOS

Para o mar, em ânsias de água,
Corre o Tejo e não recua;
Assim corre a minha vida
A confundir-se na tua.

Teus olhos são duas conchas
Nascidas no alto mar,
Negras de tanto sofrer,
Cheias de tanto chorar.

Deus te dê tanta alegria
No dia do teu noivado,
Como de lágrimas tenho
Por tua culpa chorado!

Teu lenço de rendas finas
Tem um perfume salgado:
É do pranto que choraste
Na noite do teu noivado.

Teu leque agita-se e espalha
Uma aragem doce e triste,
Dos suspiros que abafaste
E das queixas que me ouviste!

As meninas dos meus olhos,
Quando partes, sofrem tanto,
Que só encontram alívio
A banhos no Rio do Pranto.

Olhos postos nos teus olhos,
Ao clarão do teu sorriso,
Eu vou alegre cantando
Caminho do Paraíso...

V

MADRIGAIS

Seus olhos, onde cintila
A luz de milhões de sóis,
Parecem dois rouxinóis
Extasiados a ouvi-la!

Treme-lhe a voz na garganta,
Sai-lhe da boca formosa,
E toda a gente se espanta
De ouvir cantar uma rosa.

Às vezes, quando ela passa,
Cheia de jóias tão belas,
Lembra a Senhora da Graça
Recamadinha de estrelas.

Quando fechas os teus olhos,
— Santo Deus! — não vejo nada;
Quando os abres — Santo Deus! —
Que linda noite estrelada!

Picou-te a abelha na boca
Julgando ser uma flor,
Ai! também eu ta picava
Com mais prazer e sem dor!

Os beijos da tua boca
Valem mais que os meus brilhantes
Trocámos: eu fiquei rico
E tu mais pobre que dantes.

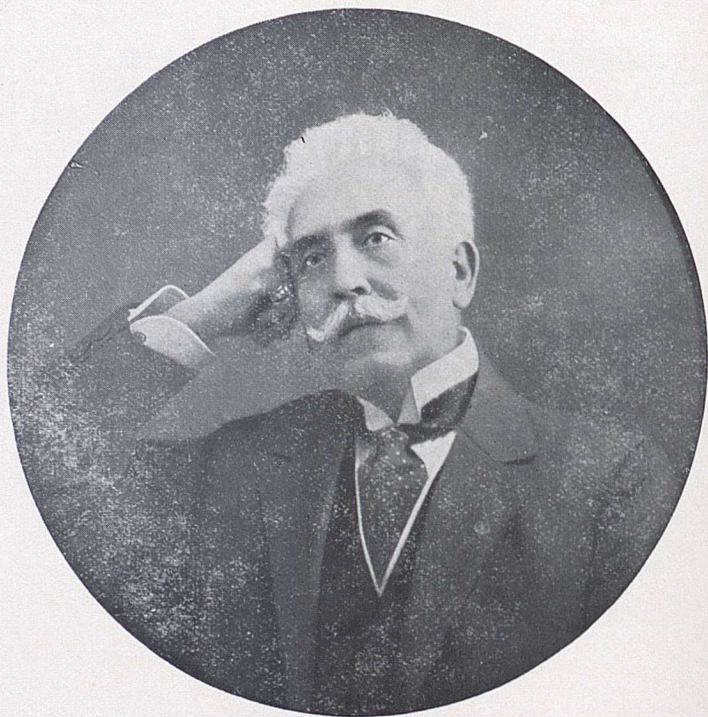
Teus olhos, sempre que choras,
Teus lábios, sempre que ris,
São deslumbrantes auroras
De brilhantes e rubis.

Um olhar desses teus olhos,
Um sorriso dos teus lábios
Têm ciência que bastaria
Para endoidar trinta sábios!

... ..

As carícias o que são?
Beijinhos dados com a mão!





O CONDE DE MONSARAZ

Último retrato

1912

ÚLTIMAS POESIAS



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.
1910

NÓS

Ambos no mundo — tu alegre, eu triste — os dois
Vamos andando a par pelo caminho fora;
Levo comigo a noite e tu contigo a aurora,
Seguem-me os noitibós e a ti os rouxinóis.

Eu sofro e tu, que és boa, ao ver-me te condóis;
Tu gozas e eu, ao ver-te, o peito se me enflora;
Se choro, olhas-me... e o pranto em risos se evapora...
Ó paz da minha vida, olhai-me, por quem sois!

Vamos seguindo a par, no mesmo sonho imersos:
Levas nas mãos a lira em que eu canto os meus versos,
Bate-lhe o sol de frente e em chispas se irradia...

Tão diversos os dois, vamos seguindo a par;
Foge o ódio e a maldade, ao verem-nos passar,
Que nós somos o Amor e somos a Harmonia!

AO LEME

O vento em fúria geme
Nas vergas retesadas:
Quem pelas ondas do mar alto, ao leme
Entre abismos de treva,
Mão firme, ânimo forte, o barco leva
À Vida, às bodas de oiro ambicionadas,
Em que as pombas se beijam nas ramadas
E o sol fecunda os laranjais em flor?
Um só piloto — o Amor!

DUAS CANÇÕES

I

O mar é um desgraçado,
Muito maior que tu és;
Passa a vida torturado
Nas aflições das marés.

Ora manso, ora agitado
De febre ou de embriaguez,
O mar é um desgraçado,
Muito maior que tu és.

Nem as tristezas do fado
Na alma dum português
São como as do mar salgado,
Que vem chorar a teus pés!

Ergue-se ao céu revoltado,
Grita convulso... Já vês
Que o mar é um desgraçado,
Muito maior que tu és!

II

Dorme encostada ao meu peito,
Junto do meu coração;
Tu és, lindo amor-perfeito,
Cheia de graça e perdão!

À noite, quando me deito,
Não fujas por compaixão:
Dorme encostada ao meu peito,
Junto do meu coração.

Desfaça-se o preconceito,
Cale-se a voz da razão,
Que o pranto corra desfeito
Nos gozos desta ilusão;

Tu és, lindo amor-perfeito,
Cheia de graça e perdão...
Dorme encostada ao meu peito,
Junto do meu coração!

CHUVA

Pingas, pingas, pingas
Chuva choramingas,
Pingas dos beirais...
Nos regueiros pingas
Antes que te extingas
Lá para onde vais:
Serás riacho, rio,
Pântano sombrio,
Líquidos cristais...
Pingas, pingas, choras
Lágrimas sonoras,
Lágrimas irreais...
Pingas horas e horas
Quando a água é mais...
Pingas, caís, imploras —
Choras pingos e ais!

FINADOS

2 de Novembro — à meia-noite

Silêncio! Escuta: *Uma. Duas.*
Estão desertas as ruas,
O vento calou-se... *Três.*
Sonham nas campas, talvez
Quatro. Cinco. Seis... os mortos,
Imóveis, hirtos, absortos.
Sete. Oito... na eterna luz...
Que frio! *Nove. Jesus!*
Lá vêm os fantasmas... *Dez.*
Onze... aos milhares, não vês?
Que nuvem! Não tem limites...
Doze...

Silêncio!

Não grites!

IMPRESSÃO

As tropas vão desfilando:
Rouqueja a voz do comando,
Faísca o sol nos metais
Das bandas regimentais,
As fanfarras militares,
Fervendo, escaldam os ares.

... ..

AS ARCAS DE MONTEMOR

Lenda

Entre escombros, na rudeza
Da vetusta fortaleza,
Batidas do vento agreste,
Empedernidas, cerradas,
Há duas arcas peçadas:
Uma de oiro, outra de peste.

Ninguém sabe ao certo qual
Das duas arcas encerra
O fecundo manancial
Que fartará de oiro a terra
Mesquinha de Portugal;
Ou qual, se mão imprudente
Lhe erguer a tampa funérea,
Vomitará de repente
A fome, a peste, a miséria,
Que matarão toda a gente!

E nestas perplexidades
E eternas hesitações
Têm decorrido as idades,
Têm passado as gerações;
Nas guerras devastadoras,
Nas lutas brutais e ardentes,
Entre as raças invasoras
E as povoações resistentes,

Nunca Romanos, nem Godos,
Nem Árabes, nem Cristãos,
Duros na alma e nos modos,
Rudes no aspecto e no trato,
Chegaram ao desacato
De lhes tocar com as mãos.

Sempre que o povo faminto,
Maltrapilho e miserando,
Fosse ele cristão ou moiro,
Entrou no tosco recinto
Para salvar-se, arrombando
A arca pejada de oiro,

Quedou-se, os braços erguidos,
O olhar atónito e errante,
Sem atinar de que lado

Vinha morrer-lhe aos ouvidos
Uma voz de agonizante,
Entre ameaças e gemidos:

«Ó povo de Montemor,
Se estás mal, se és desgraçado,
Suspende, toma cuidado,
Que podes ficar pior!»

E nestas perplexidades
E eternas hesitações
Hão-de passar as idades,
Suceder-se as gerações,
E continuar na rudeza
Da vetusta fortaleza,
Batidas do vento agreste,
Empedernidas, cerradas,
As duas arcas pejadas,
Uma de oiro, outra de peste.

NOCTURNO

A bateira anda solta há já três dias
À flor das ondas, sem poder entrar;
Ferve a tormenta em convulsões no mar,
Que se ergue em lamentosas agonias.

Um ponto escuro, entre as neblinas frias,
Surge um momento e torna-se a ocultar;
Desce a noite, envolvendo devagar,
Num crepe negro, as vagas fugidias.

E o vento uiva... uivos arrepiantes;
Nos sudários da espuma, por instantes,
A luz sangrenta do farol desmaia...

Como as sombras funéreas das baladas,
Erram tristes mulheres, desgrenhadas,
Aos gritos, pelos côncavos da praia!

TÉDIO MORTAL

Quero morrer, partir... dizes tu. — Quero.
Mas porque queres tu morrer, partir?
Que insofrida aflição, que desespero
Te faz sofrer e amar, chorar e rir?

As frias sombras de Camilo e Antero
Dizem-te: «Vem»... e então, para as seguir,
Vais, lívido, na estrada do exagero
E onde elas dormem queres ir dormir!

«Deixa-me em paz, não me perturbes, sigo
Seu rasto incerto, em busca desse abrigo
Que é a fecunda origem donde vim...

E, nas transformações universais,
Eu não hei-de sofrer por ninguém mais
E ninguém mais há-de sofrer por mim!»

MELANCOLIA

A João de Deus

O Sol no ocaso os vidros incendeia
Do deserto palácio silencioso,
Que em frente ao mar, num lúgubre repouso,
Avulta ao centro da modesta aldeia.

Lá dentro um velho trôpego passeia —
Sinistro, a barba longa, o peito ansioso;
Resta só ele, o roble carunchoso,
No qual já nenhum pássaro gorjeia!

Às vezes fita, solitário monge,
No cemitério que branqueja ao longe,
O triste olhar, amortecido e fosco...

O Sol desaparece no ocidente,
Soluça o mar... e ele ouve claramente:
«Pai, se tens sono, vem dormir connosco.»

SEXTA-FEIRA DE PAIXÃO

Trevas, arrancos de agonia... a morte
Gela o ar, paralisa a vida, apaga
As estrelas, aos ais, sem que as conforte
A ânsia de viver na noite aziaga.

Passam almas transidas, negra coorte
Que pelo Oceano, em súplicas, naufraga...
Soluça, de onda em onda, o vento norte
E a dor universal, de vaga em vaga!

Dos lenhos pendem corpos macilentos,
Mulheres desgrenhadas, aos lamentos
Duma angústia que punge e que consterna...

Por entre a rama negra dos pinheiros,
Enxergam-se, a fugir trás de nevoeiros,
Os lúgubres clarões da vida eterna!

CALENDÁRIO

Janeiro

1

Tanta chuva e tanto vento
Em terras de Portugal!
Troveja o Céu agoirento:
Ano Bom, começa mal.

2

Começas mal! As desgraças
Ninguém no mundo as prediz...
Ó vendaval, porque ameaças
As terras do meu País?

3

Do meu País, mar em fora,
Barcos e Vidas impeles...
Ai! mas se o mar os devora,
Santo Deus, que há-de ser deles?

4

Que há-de ser deles, dos tristes,
Dos desgraçados, que vão
Mar em fora, ó Deus que existes
Dentro do seu coração?

5

Do seu coração, que em trevas
Fica na terra a chorar,
Quando os arrastas e os levas
Por sobre as águas do mar...

6

Águas do mar das sereias,
Das aventuras, das lendas:
Oiro por baixo às mãos cheias,
Por cima flocos de rendas.

7

Flocos de rendas, que espalha
O vento no mar à solta,
Para tecer a mortalha
De quem vem e que não volta.

8

Que não volta porque fica
Boiando à luz das estrelas,
Na sua mortalha rica,
Olhos pasmados, a vê-las!

9

A vê-las, olhos pasmados,
Sem nunca mais os fechar...
Ai, tristes dos afogados,
Boiando à tona do mar!

10

Do mar há muito queixume,
Muita alma aos gritos e aos ais;
Que agrida as rochas, que espume,
Que eu embarcar, nunca mais.

11

Nunca mais! Vê-lo de largo,
Sim, ou dos altos da praia;
Sorver-lhe o hálito amargo,
Quando ele se ergue e desmaia.

12

Se ergue e desmaia, caindo
Num fracasso de tormenta
Sobre os rochedos... é lindo!
É lindo, mas não me tenta.

13

Não me tenta, nem comigo
Tudo o que eu amo e que é meu;
O coração em que abrigo
Todo o bem que Deus me deu.

14

Que Deus me deu muito bem,
Ele e eu é que o sabemos;
Mas quanto mal nos provém
De velas, barcos e remos!

15

Barcos e remos hei visto,
Perdidos na cerração,
E, neste mundo de Cristo,
Muitas bocas sem ter pão.

16

Sem ter pão, nem alegria:
Foi-se há muito barra fora,
E é natural que não ria
A boca, se a alma chora.

17

E a alma chora! bem basta
Que a torture e que a apunhale
A miséria que se arrasta
No reino de Portugal;

18

De Portugal, que hoje vive
A esfacelar-se e derrama,
Aos tombos, por um declive,
O sangue heróico na lama.

19

Na lama! Que triste sina
Esta que vamos cumprindo,
Enquanto nos ilumina
Um sol tão claro e tão lindo!

20

Tão lindo sol não existe
Noutro cantinho do mundo;
E entanto a nossa alma é triste
E o nosso luto é profundo.

21

É profundo o desalento
Que nos toma neste azar;
E olho em roda, e não dou tento
De quem nos possa salvar.

22

Salvar, talvez nos salvasse
O amor destemido e ardente
Da Pátria, se germinasse
No coração desta gente;

23

Desta gente, que era vê-la,
Em tempos que já lá vão,
A arfar numa cidadela
Ou na proa dum galeão!

24

Dum galeão a navegar,
Tranquilo, para a conquista...
Que muitas vezes o mar
Engoliu com terra à vista.

25

Com terra à vista, outras vezes,
Dentre brumas e escarcéus,
Salvou os bons Portugueses
Que iam na graça de Deus!

26

Na graça de Deus! Se a cruz,
Em sangue, as velas esmalta,
É porque Deus as conduz,
É porque Deus lhes não falta.

27

Não falta, não; mas agora
Outros tempos, outras leis...
No mal que nos apavora,
Deus do Céu, não nos deixeis!

Não nos deixeis... Ai! dos tristes,
Que ao vir a morte que os vença,
Se negam que Tu existes,
Almas famintas de crença;

Famintas de crença, vão,
Desgarradas, torturadas,
Sem paz, nem consolação,
Batidas pelas nortadas...

Nortadas e a névoa negra
Passam na terra, viúva.
Do Sol, que a fecunda e alegre...
Tanto vento e tanta chuva!

Tanta chuva e tanto vento
Em terras de Portugal!
Troveja o Céu agoirento:
Ano Bom, começa mal.

PÁTRIA AGONIZANTE

A porta das casernas

Não morreu. Inda vive! Aplico o ouvido, ausculto
Seu peito imóvel e oiço o coração que bate...
É um sino a dobrar? Não é: toca a rebate
Ao longe, nos confins da natureza oculto.

No rijo, ensanguentado e aspérrimo combate
Triunfa a Raça, e o chão do Portugal inculto
Vai produzir, florir!... Bem-dito seja o culto
Da Pátria a renascer numa hora de resgate.

Não morreu tudo, não! A alma do Rei é nova,
O exército e o povo a História é que os comprova
Em rasgos, em clarões de heróica intrepidez.

Soldados, acordai, que a morte nos ameaça.
Nos vossos peitos ferve o ardor plebeu da Raça
E a bravura ancestral do génio português!

HINO DAS ESCOLAS

VOZ

Ó Pátria, dai-nos o santo
Pão nosso de cada dia.
Pátria, enxugai-nos o pranto
Na saúde e na alegria.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

Desbravai, Pátria, o caminho
Aos que, por vales e encostas,
Se arrastam do Algarve ao Minho,
Gemendo de cruz às costas.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

Pátria, Pátria, defendei-nos
Da treva que nos invade;
Morrem exaustos os reinos,
À míngua de claridade.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

E os vossos filhos terão,
Pra vos defender e amar,
Uma espada em cada mão,
E em cada peito um altar!

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

Pátria, guiai as crianças
Para um destino melhor;
Rebanhos de ovelhas mansas,
Vão atrás do seu pastor.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

As crianças que formais
De corpo são e alma sã
Hão-de ser as mães e os pais
Das gerações de amanhã.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

Sois, Pátria, o homem e a terra.
Tornai o homem capaz
De morrer feliz na guerra,
De viver feliz na paz.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

E em paga do que hajas feito,
Sempre terás, Pátria amada,
Um altar em cada peito
E em cada mão uma espada.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

VOZ

Pátria que chama e que abraça,
Como Cristo os pequeninos,
Fortifica a sua raça,
Desafronta os seus destinos.

CORO

*É a escola que há-de erguer-vos
À vida, à glória imortal:
Nós somos a carne, os nervos,
E o sangue de Portugal!*

PÁTRIA NOVA

A Academia Monárquica

Passa El-Rei. Vai nos braços do seu povo.
O Reino é velho, mas o Rei é novo;
 Por isso vai levado
Numa onda de ternura e de carinho,
 Que afluí de cada lado,
Enchendo-lhe de bênçãos o caminho.

Viva El-Rei! Viva El-Rei!

 E El-Rei, sorrindo,
— Meu Deus, quando sorri como ele é lindo! —
Afaga a multidão que grita e o aclama;
E no ar, bocas em brasa, olhos em chama,
 O ergue na certeza
De que ergue e aclama a Pátria portuguesa.

Viva El-Rei! Viva a Pátria!... A Pátria nova
Há-de surgir da Pátria velha. O povo,
Se a Pátria é velha, vê que o Rei é novo,
É erguendo o Rei, que a Pátria se renova.

Pombas, flores, damascos, colgaduras,
Tremem no espaço. Vai El-Rei passando...
Com ele passa o coração sonhando,
Liberto de amarguras.

Passa com ele a Pátria... Mocidade,
Erguei-o, aclamai-o;
Ele é formoso como o mês de Maio
E tem a vossa idade.

E gritai: Viva a Pátria! Viva El-Rei!
Que embora o mar em fúria se encapele,
Ameaçador, se El-Rei viver, sabei
Que a Pátria nova há-de viver com ele.



INDICE



ÍNDICE

MUSA ALENTEJANA

	Págs.
<i>A sesta</i>	9
<i>As mondadeiras</i>	13
<i>A velha canção</i>	16
<i>Um pôr do sol</i>	21
<i>A cruz de trovisco</i>	25
<i>Primavera</i>	37
<i>A Santa Cruz</i>	42
<i>Salada primitiva</i>	51
<i>Alma religiosa</i>	54
<i>As cegonhas</i>	58
<i>Écloga</i>	62
<i>Íntima paz</i>	67
<i>Tragédia rústica</i>	70
<i>Moças de Bencatel</i>	78
<i>A ceia</i>	80
<i>Canções das rosas</i>	84
<i>Serenata a Nossa Senhora</i>	85
<i>O senhor morgado</i>	91
<i>Os ciganos</i>	93
<i>Ao rebentar das seivas</i>	98
<i>Os bêbados</i>	99
<i>Inverno</i>	102
<i>Natal</i>	105

	Págs.
<i>A extrema-unção</i>	109
« <i>Ad petendam pluviam</i> »	118
<i>Rosita</i>	122
<i>No monte</i>	123
♥ <i>A calma</i>	124
<i>Silêncio trágico</i>	125
<i>Os bois</i>	126
<i>Benvida</i>	127

LIRA DE OUTONO

POEMAS DO ALENTEJO

<i>Abertura</i>	157
<i>Meu Pai</i>	158
<i>Minha Mãe</i>	159
<i>Reguengos</i>	160
<i>Poentes de Inverno</i>	161
<i>O cavador</i>	162
<i>O sementeiro</i>	163
<i>Arvéloas</i>	164
<i>S. João</i>	166
<i>A Lavradora do Freixo</i>	168
<i>Ritmos do campo</i>	179
<i>Lavadeiras</i>	180
<i>Mendigos</i>	182
<i>Recordações</i>	183

VERSOS DISPERSOS

(SÉCULO XX)

<i>Vem</i>	187
<i>Bucólica imagem</i>	188
<i>Mal sem remédio</i>	189

	Págs.
<i>Excertos</i>	193
<i>Dúvida</i>	195
<i>Ante um quadro</i>	196
<i>Íntimas mágoas</i>	197
<i>Infelizes</i>	197
<i>Improvisos</i>	199
I — <i>Morte redentora</i>	199
II — <i>Miserere</i>	201
<i>No mar</i>	204
<i>Súplica</i>	206
<i>Vento norte</i>	208
<i>Para a guitarra</i>	210
I — <i>Queixas</i>	211
II — <i>Gracejos</i>	213
III — <i>Devaneios</i>	215
IV — <i>Lamentos</i>	217
V — <i>Madrigais</i>	219

ÚLTIMAS POESIAS

<i>Nós</i>	223
<i>Ao leme</i>	224
<i>Duas canções</i>	225
<i>Chuva</i>	227
<i>Finados</i>	228
<i>Impressão</i>	229
<i>As arcas de Montemor</i>	230
<i>Nocturno</i>	233
<i>Tédio mortal</i>	234
<i>Melancolia</i>	235
<i>Sexta-feira de Paixão</i>	236
<i>Calendário</i>	237
<i>Pátria agonizante</i>	245
<i>Hino das Escolas</i>	246
<i>Pátria nova</i>	251



COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFI-
NAS DA EDITORIAL IMPÉRIO, LDA.,
RUA DO SALITRE, 151 A 155 - LISBOA

